

**MUSEU  
DO TRAJE**  
São Brás de Alportel  
**centro de  
documentação**



**ALMANACH  
DO ALGARVE PARA  
1904**



**Director:  
Marcos Algarve**

**Villa Nova de Portimão  
1903**





---

*Impresso em machina "Mariponi"*  
*na Typographia Minerva de Gaspar Pinto de Souza & Irmão,*  
*V. N. de Famalicão.*



MUSEU  
DO TRAJE  
São Brás de Alportel  
centro de  
documentação



DIRECTOR

*Marcos Algarve*



ILLUSTRADO

Ilustrações referentes  
a personagens  
e logares do  
Algarve



Para

1904



ALMANACH DO

*Collaborado  
pelos  
mais distinctos  
escriptores  
algarvios*

(2.º anno de pu-  
blicação)





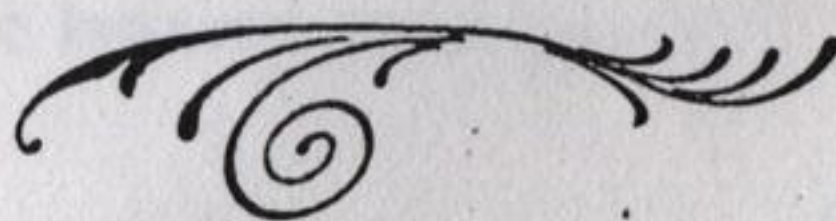
MUSEU  
DO TRAJE  
São Brás de Alportel  
centro de  
documentação



DIRECTOR

# ALMANACH DO ALGARVE

PARA 1904









# Almanach do Algarve

PARA

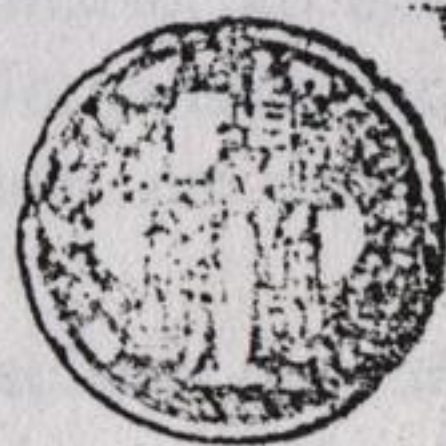
1904

2.º ANNO DE PUBLICAÇÃO

DIRECTOR:

MARCOS ALGARVE

Collaboração dos mais distinctos  
escriptores algarvios e illustrações referentes  
a personagens e logares do Algarve



ENDEREÇO

para remessa de obras litterarias e collaboração:

MARCOS ALGARVE

Villa Nova de Portimão

(ALGARVE)



# Litteratura Algarvia

(LIVROS PUBLICADOS EM 1903)

*Almanach do Algarve, para 1903.* Dirigido por *Marcos Algarve* e *José Castanho*.

(Publicação adornada de muitas gravuras e collaborada por litteratos de reconhecido merito, como João Lucio, Antonio Santos, Bernardo de Passos, Julio Dantas, Candido Guerreiro, Lorjó Tavares, João Bucha, etc.)

Edição de 2:000 ex. da Typographia Minerva, de Famalicão.

Previne-se os colleccionadores de que os exemplares que restam estão á venda em casa dos agentes d'este Almanach, podendo tambem ser requisitado ao sr. Antonio Nunes da Gloria, de Portimão, mediante a remessa de 100 rs. em estampilhas.

*Cartas sem moral nenhuma,* por *M. Teixeira Gomes*.

(Impressões de viagem colhidas no Funchal, Canarias, Sevilha, etc.).

Edição de Tavares Cardoso & Irmão, de Lisboa.

*Biographia de D. Francisco Gomes d'Avellar.*

(Interessante investigação sobre a vida e obras do virtuoso prelado. O producto d'este livro reverte a favor d'um monumento á memoria de D. Francisco Gomes, e qualquer requisição deve ser directamente feita ao auctor, Dr. Athayde d'Oliveira, em Loulé).

Edição nitida da Typographia Universal (a vapor) do Porto.

*Em Lisboa* (Ridiculos e Typos), por *José Duarte Elias*.

(Collecção de sonetos satyricos).

Edição de Gomes de Carvalho, de Lisboa.

*Syndicatos agricolas,* por *Pedro Judice*.

(Estudo scientifico sobre agricultura).

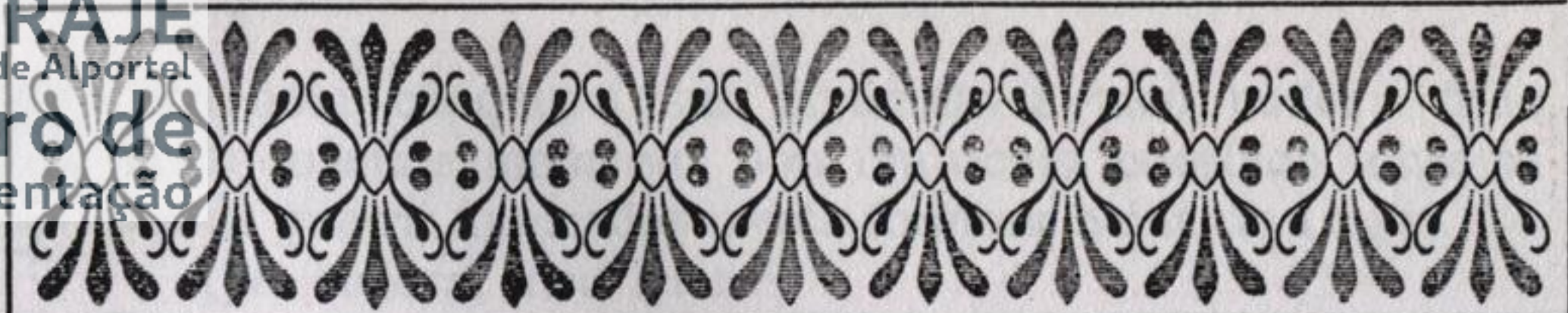
A' venda na Livraria Rodrigues, rua do Ouro, Lisboa.

*Canções d'Alguem* (Livro d'um revolucionario), por *Marcos Algarve*.—Volume em que o auctor dividiu a sua evolução litteraria em duas phases: *Flôres da Primavera* (poesias lyricas) e *Fructos da Verdade* (poesias sociaes).

A' venda nas agencias do *Almanach do Algarve*.

Edição elegante e resumida, em papel especial, da Typographia Minerva, de Famalicão.





## Juizo do Anno



ESTE anno resolvemos não consultar saragoçanos, nem astrologos ou feiticeiros. Caladinhos, commodamente, mandamos uma especie de questionario a muitas individualidades algarvias, perguntando-lhes, com discrição, quaes os phenomenos mais caracteristicos que devem acompanhar a gestação do senhor 1904, bisexto e bisonho rapaz que reinará os doze mezes do costume.

O questionario em questão foi um pouco confuso e nebuloso, como convem á nossa gente — tambem confusa e nebulosa...

Quasi todos nos responderam ao modesto questionario, ao contrario do que aconteceu com o da Associação dos Jornalistas, que teve a ingenuidade de querer transformar burros de nora em professores de philosophia!

Feita pois a ligeira apresentação, cumpre-nos declarar que não escolhemos logares de honra para ninguem e que não é por mal qualquer bisbilhotice mais verdadeira ou acertada que se leia.

Abre o debate, por acaso, a letra A, inicial do primeiro nome do nosso mathematico comprovinciano Cabreira, que inquestionavelmente, com a sua elegante farda de socio da Academia Banal das Sciencias, dará á nossa missão um começo imponente e auctorizado.

Disse,

JOÃO BUCHA.



Senhor :

MINHA assidua correspondencia com Marte, Neptuno e outros planetas de polpa, dá-me — creio eu com os meus botões — um pouco de superioridade sobre todas as bruxas da sua e minha provincia. A espiral que me cêrca no meio das equações equinoxias, demonstra-me a certeza absoluta dos meus amigos e admiradores erguerem-me uma estatua nas lodosas margens do rio de Tavira... se não fôra aquelle duello que eu tive a prudencia altiva e matreira de evitar e a famosa ordem militarmente emanada da secretaria do meu real, liberal e clerical instituto.

Emfim, estas palavras são a fiel expressão dos grandes acontecimentos que o anno de 1904 vem trazer ao mundo.

O meu senhor D. Miguel virá tomar posse do reino nos fins de março, logo após a tosquia geral; o mano d'elle, o tal degenerado que fez cousas feias em Londres, entrará para o convento das Trinas, a preencher a vaga da irmã Collecta; e eu, finalmente, serei embalsamado vivo e exposto dentro d'uma redôma á entrada de Tavira — ao cimo da rua do Mau Fôro.

*Amen.*

ANTONIO CABREIRA.

*P. S.* — Eu não devia escrever cousa alguma para o *Almanach do Algarve*. E sabe por quê? Por elle não ter publicado o meu retrato no primeiro anno.

E' verdade que eu não gôsto de réclames á minha pessoa, embirrando até com as frequentes noticias que os jornaes de mim dão, mas o que é justo... de justiça é. E o meu retrato ahi inserto não era uma fineza, era um dever.

A. C.



*Menino João:*

**N**ão lhe posso responder como eu desejava e o menino pedia. Ando ha tempos muito preocupado com o desaparecimento do tratado de batatas do meu egregio mestre. E a cultura da batata entre nós é de primeira necessidade: a maioria dos nossos litteratos está mesmo a pedir uma corrida de batatas...

Desculpe o laconismo, e quando quizer alguma louça de barro ou bichas de rabiar, para o S. João, peça de Loulé, que são as melhores de todo o Algarve.

Até para a outra vez.

ALVARO D'OLIVEIRA.



Esta hora chegou a sua pretensão a meu poder: todo eu, neste solenne momento, sou um oculo assestado sobre os vasos de guerra fundeados n'esta formosa bahia de Lagos.

Que belleza, meu Deus!

Este sol oriental que nos dilata as faculdades do entendimento, já não parece sol nem lua: parece o grotesco *Maio*, que tantas joias surripiou aos meus amados conterraneos... Mas, para que lembrar n'estes dias de alegria essas passadas semanas de tristeza?!

Não queria senão que o meu amigo gosasse o picaresco espectáculo d'hontem: o presidente da camara, o administrador do concelho e o capitão do porto a cumprimentarem o almirante inglez, a bordo do navio chefe, sem perceberem uma palavra.

Houve um quarto de hora hilariante. Os emissarios cá da terra a discursarem perante o almirante e officialidade, e estes sem nada perceber; depois o almirante mandou a terra agradecer, e a mesma scena muda se passou: os portuguezes sem entenderem o que os inglezes diziam. Foi uma sessão de gargalhada esta, em que portuguezes e inglezes olhavam parvamente uns para os outros, e sorriam sem saber por quê. Como vê, os inglezes tiveram uma brilhante recepção em Lagos... e portuguezes e inglezes confraternisam na mais sincera e leal sympathia...

Outra cousa, meu caro: está aqui um official inglez chamado Gibson que me trouxe uma recommendação do João Penha; o maldito é um beberrão de marca, que até foi uma vez a Braga bater-se com o Penha n'um duello ao *binho verde*.

Commigo não manga elle, não!

Nada mais lhe posso dizer, affirmando-lhe simplesmente que o anno de 1904 deve ser de primeira ordem... para as terras que teem banda regimental, como Lagos, ou mercado de peixe e luz electrica, como Portimão.

Peço-lhe que não falle na *zorra*, e mande no seu

Agosto de 903.

SALAZAR MOSCOSO.



Senhor:

**E**u deixei-me de produzir versos e prosas depois da offerta d'um lindo quadro de cortiça representando uma carriça de pernas para o ar e o Feliciano a querer convencer um meu cliente de que tinha comido a um almoço cincoenta pães de pataco e conquistado n'uma tarde trinta raparigas.



É por estas e outras razões que me agitam os nervos e a cabeça, nada posso dizer sobre o que me pede.

De v. etc.

JOÃO LUCIO.



*Primo João:*

**H**A seis mezes que estou para te escrever uma carta do comprimento da legua da Pavoia; mas os muitos affazeres que sempre tenho n'esta comarca, impedem-me d'attender aos amigos.

Ai que trabalhão este, parente!

De noite, enquanto durmo, o serviço accumula-se com uma rapidez espantosa, chovendo as queixas, querellas, promoções, delictos, etc., etc., que tu, profano n'este pandemónio judicial, nem por sombras podes calcular.

E depois, a praga de advogados e procuradores que aqui viceja, promettendo aos incautos a terra da promessa, um logar no paço, um bilhete de loteria premiado, um local para armação ou entrada no syndicato... o inferno, o diabo que os carregue...

Releva, meu João, este rude desabafo a quem se levantou hoje muito cedo (ao romper do meio-dia) exclusivamente para te dirigir uma grande missiva. Agora reparei, meu amigo: são horas d'ir almoçar, o que me obriga a escrever-te n'outro dia com mais vagar.

Decididamente, eu não sei onde isto irá com tanto trabalho; eu que era d'antes tão nutrido, estou agora mirrado que nem um poeta decadente.

Beijos aos pequenos, e manda sempre no teu

JOSÉ CASTANHO.



*Amigo:*

**N**ão tenho forças senão para vos mandar estas quadrinhas soltas:

I.<sup>a</sup>

Quem me dera, ó linda flôr,  
Ver-te ao longe, n'uma escuna.  
Por causa do teu amor  
Gastei eu uma fortuna.



2.<sup>a</sup>

Por causa de ti, Maria,  
Andam os povos confusos.  
E na maior berraria  
Todos os poetas lusos...

3.<sup>a</sup>

Nunca mais um meu soneto  
Saudará encantos teus.  
Estou feito um esqueleto  
De tanto dizer-te *adeus!*



4.<sup>a</sup>

Fuzzeta, o meu conselheiro,  
Disse-me a sós com voz brava:  
Sê politico matreiro,  
E manda os versos á fava.

Nada posso dizer do futuro anno por via de duas moiritas que  
me fugiram das lendas...

Adeus, adeus e adeus!

BERNARDO DE PASSOS.



*Meu velho:*

**E**NTÃO queres que eu trate d'uma questão d'estas e nada de man-  
dares dinheiro para preparo?

Para responder ao teu questionario tenho de consultar mui-  
tas vezes a Novissima Reforma Judiciaria, e isto não se faz sem  
muita massa, menino...

Precisava mandar-te vinte *linguados*, pelo menos, para emittir  
a minha endiabrada opinião; todavia, tenho agora tanto que fazer!

Hoje ao meio dia tenho reunião por causa do decreto de tantos  
de tal, á tarde um desafio á malha e á noite, depois das onze, um  
discurso de capa e espada á luz baça dos preguiçosos candieiros  
municipaes; no entanto, ahi vão duas cousinhas que talvez corres-  
pondam ao teu desejo de critico e de cliente sem vintem.

«O Garrett foi um grande homem? Para em tudo ser grande —  
minhas senhoras e meus senhores — até foi, como eu, advogado! Não



sei, porém, se alguma vez jogou á malha com Raymundo ou se pronunciou discursos jacobinos, no passeio de D. Luiz, com os olhos fitos na triste lampada do Senhor dos Afflictos, a horas mortas da noite.

Felizmente — minhas senhoras e meus senhores — sinto-me muito á vontade por saber que V. Ex.<sup>as</sup> nada conheceram do Garrett, ignorando mesmo se elle era conhecido pelo *doutor Garrett*, se foi ministro ou apanhador de ameijoas, se foi socio do nosso club ou veio alguma vez aos nossos bailes com os rapazes de Faro...»

O' luar da meia noite,  
O' luar da madrugada,  
Não digas nada á patrôa,  
Não digas nada á criada.

A primeira d'estas producções é um retalho do discurso que eu fiz de Villa Real ao Garrett, na noite de 3 de maio d'este anno, a pedido do João Lucio; e a segunda uma quadra originalissima que faz derreter o Passos em m'a ouvindo cantar á guitarra.

Sempre ás ordens, como os de Evora,

CARLOS FUZZETA.

P. S. — O Lourenço do O' diz-me que nada póde mandar, pela dupla razão de ter o *capuz* com que escreve em casa do alfayate do fráque e de estar muito constipado. As correntes de ar não o deixam nem á mão direita do novo papa ou do nosso *alimado* pastor!

C. F.

.. *Snr.*

**N**ão posso. Estou escrevendo a biographia do pujante dramaturgo Julio Dantas para o *Petit Journal*.

MANUEL PENTEADO.



...*Snr.*

**E**-ME impossivel. Estou fazendo o perfil litterario do Sarcey do *Jornal do Commercio* para o *Times*. E' um genio! Tambem o Algarve só tem dois homens de valor: um é o Penteado, e o outro o Penteado dirá quem é...

JULIO DANTAS.





(LAGOS) — O soneto que nos remetteu está feito com engenho e arte, mas é excessivamente *allegorico*. Como amostra, eis o titulo e os dois primeiros versos:

Ao Senhor da Canna Verde

Pareces mesmo um castanheiro esguio...  
Quando fazes, Senhor, os teus sonetos

Então admira-se que o *Senhor da Canna Verde*, que faz versos, pareça mesmo um castanheiro esguio? E' sabido que os que conversam com as musas são dotados d'uma magreza e sensibilidade fóra do vulgar.

E' seria um caso digno de observação se vivesse no sopé da Foia ou da Picota um poeta gordo e córado como qualquer lavrador alemtejano.

Tenha paciencia, J. P., mas o seu epigramma em verso vae para a mansão etherea...

Mande-nos mais poesia — não tão mordaz e allusiva como a d'este anno.

N. (LAGOS) — Não gostou da gracinha? Tenha resignação e soffra para dentro. . que tambem nós não gostamos do calote que nos pregaram dois patricios e collegas seus.

G. (OLHÃO) — Coragem, mano Zé Gaiteiro! Cace mais a escota do traquete que talvez alcance a terra no segundo bordo.

O seu escripto denota falta de pratica n'essa vida que foi a gloria dos nossos avósinhos.

C. V. (LAGOA) — Bate a espessa porta, meu velho.

O *Almanach do Algarve* não dá coito a galopins politicos.

S. (BEJA) — Obrigadinhos, e sempre ao vosso dispôr — sem sermos couve flôr...

L. S. D. (LOULÉ) — Eram precisas nada menos de seis paginas do *Almanach* para as suas desventuras amorosas.

Tenha juizo e deixe-se de creancices, homem; porque o tempo não está para sustentarmos cavallos de regalo, muito embora de quarenta moedas, como o seu parece ser.

P. (ALBUFEIRA) — O *algarvio Fradique Mendes* que nos enviou não se publica, unicamente pela phantastica creação em que está baseado. E' senão ouça: Fradique Mendes, o lendario excentrico que o Eça creou, appareceu a primeira vez no *Mysterio da estrada de Cintra*, em folhetins do «Diario de Noticias» de 1870; ora o cavalheiro que v. ex.<sup>a</sup> apresenta como sendo Fradique, o sr. M. Teixeira Gomes, devia ter por esse tempo sete ou oito annos de idade, o que o torna impossivel ser Fradique Mendes ou um simples modelo que o notavel romancista escolheu.

De mais, crêmos que não é nova esta idealisação que v. ex.<sup>a</sup> agora esplanou com certo espirito: outros cahiram em igual puerilidade, por não comprehenderem que o interessante personagem a que a phantasia alada de Eça de Queiroz deu vida e genio é uma complexa creatura romantica, semelhante á que Camillo Castello Branco esboçou com o nome de Guilherme do Amaral.

Racionalista (SILVES) — Já morreu o Pedro d'Amorim Vianna, o unico telhudo capaz de lhe dar lições de *racionalismo*.

J. (PORTIMÃO) — Queria fazer d'este livrinho um archivo de sabujices de politica pataqueira? Enganou-se.



A descripção da inauguração do caminho de ferro foi opportunamente feita pelos louvamineiros officiosos. Portanto, para que repetir aqui o côro das girandolas convencionaes, mesquinhas e vaidosas?...  
 D'essa festa, só duas cousas, uma alegre e outra tristissima, revivem ainda, — o delicioso discurso do conego Nogueira e a morte d'un intelligente estudante que era o enlevo de seu pae — um respeitavel ancião.  
*Leão & C.<sup>a</sup> (RIO ZAIRE) — A versos d'estes dizia Bocage :*

São versos naturaes... parecem prosa.

E nós dizemos :

São versos de animaes... parecem palha.

## Caminho de Ferro do Algarve

De Faro	Preços por classe			a Lisboa	Preços por classe		
	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>		1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>
S. João da Venda, ap.	320	250	180	Cuba .....	3\$900	3\$030	2\$160
Loulé .....	320	250	180	Alvito... ..	4\$130	3\$210	2\$290
Boliqueime .....	510	380	280	Villa Nova.....	4\$280	3\$330	2\$370
Albufeira.....	680	530	370	Vianna .....	4\$410	3\$430	2\$450
Tunes .....	1\$000	780	550	Alcaçovas.....	4\$660	3\$550	2\$530
Messines .....	1\$000	780	550	Casa Branca.....	4\$770	3\$710	2\$650
S. Marcos.....	1\$270	980	700	Escoural..... ap.	5\$080	3\$950	2\$820
Saboia—Monchique...	1\$660	1\$290	920	Montemór .....	5\$080	3\$950	2\$820
Odemira .....	1\$890	1\$470	1\$050	Calvella.....	5\$280	4\$110	2\$930
Cabanas..... ap.	2\$200	1\$710	1\$220	Vendas Novas.....	5\$420	4\$210	3\$010
Amoreiras .....	2\$200	1\$710	1\$220	Bombel.....	5\$700	4\$430	3\$160
Garvão.....	2\$330	1\$810	1\$290	Pegões... ..	5\$700	4\$430	3\$160
Panoias.....	2\$460	1\$910	1\$360	Poceirão.....	5\$910	4\$590	3\$280
Ourique.....	2\$570	2\$000	1\$430	Valdera..... ap.	6\$190	4\$820	3\$440
Cazevel.....	2\$690	2\$090	1\$490	Pinhal Novo.....	6\$190	4\$820	3\$440
Carregueiro.....	2\$860	2\$220	1\$580	Moita .....	6\$350	4\$930	3\$520
Figueirinha.....	3\$100	2\$410	1\$720	Alhos Védros.....	6\$380	4\$960	3\$540
Outeiro.....	3\$260	2\$530	1\$810	Lavradio .....	6\$440	5\$010	3\$570
Beja .....	3\$580	2\$780	1\$980	Barreiro.....	6\$480	5\$040	3\$600
S. Mathias..... ap.	3\$900	3\$030	2\$160	Lisboa.....	6\$670	5\$230	3\$740

## Ramal de Portimão

De Tunes	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>	a Portimão	1. <sup>a</sup>	2. <sup>a</sup>	3. <sup>a</sup>
Alvalede..... ap.	120	90	70	Valla.....	350	270	190
Algoz.....	120	90	70	Valle da Lama... ap.	350	270	190
Sobrado..... ap.	190	150	110	Silves.....	350	270	190
Alcantarilha.....	190	150	110	Estombar.....	410	310	250
Lameira..... ap.	250	200	140	Mexilhoeira.....	520	400	290
Poço Barreto.....	250	200	140	Portimão.....	520	400	290



# Tabella dos Preamares e Baixamares

Idade da lua	PREAMAR		BAIXAMAR		
	Da manhã	Da tarde	Da manhã	Da tarde	
1 e 16	2 h. 55'	3 h. 20'	9 h. 7'	9 h. 32'	<b>MARÉS:</b> As horas das marés do dia 1 da lua, são eguaes ás do dia 16; as do dia 2, eguaes ás do dia 17; e assim por deante.
2 17	3 44	1 4	9 57	10 22	
3 18	4 34	4 59	10 46	11 11	
4 19	5 24	5 49	11 36		
5 20	6 13	6 38	0 1	0 26	
6 21	7 3	7 28	0 51	1 15	
7 22	7 53	8 18	1 40	2 5	
8 23	8 43	9 7	2 30	2 55	
9 24	9 32	9 57	3 20	3 44	
10 25	10 22	10 46	4 9	4 34	
11 26	11 11	11 36	4 59	5 24	
12 27		0 1	5 49	6 13	
13 28	0 26	0 51	6 38	7 3	
14 29	1 15	1 40	7 28	7 53	
15 30	2 5	2 30	8 18	8 42	

## Estações

Primavera.....	21 de março	Outomno..	24 de setembro
Estio.....	22 de junho	Inverno.....	22 de dezembro

## Bençãos Matrimoniaes

São prohibidas na Quaresma e desde o 1.º domingo do Advento até dia de Reis (6 de janeiro).

## Luto

Usa-se, por marido ou mulher, 1 anno; por paes, filhos, avôs, bisavôs, netos ou bisnetos, 6 mezes; por sogros, genros, irmãos ou cunhados, 4 mezes; por tios, sobrinhos ou primos co-irmãos, 2 mezes; por qualquer parente afastado, 15 dias.



# IMPOSTO DO SELLO

(Do regulamento de 9 d'agosto de 1902)

## Annuncios

Em qualquer periodico, incluindo o *Diario do Governo*, e em qual-  
quer livro, folheto, programma ou outro impresso, cada um ... \$010

## Arrendamentos

### ESCRITOS PARTICULARES

Sello do papel, cada meia fo- lha . . . . .	\$100	De mais de 10\$000 a 40\$000	\$040
Taxa fixa... ..	\$200	De mais de 40\$000 a 80\$000	\$080
Taxa proporcional:		De mais de 80\$000 a 100\$000	\$100
Até 10\$000. . . . .	\$010	De cada 100\$000 a mais ou fracção . . . . .	\$100

## Letras de cambio

### a) SACADAS NO CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES

#### 1) Sendo á vista ou até 8 dias de praso:

De 1\$000 a 20\$000 . . . . .	\$020	De mais de 50\$000 a 250\$000	\$100
De mais de 20\$000 a 50\$000	\$050	Cada 250\$000 a mais ou frac.	\$100

#### 2) Sendo a mais de 8 dias de praso:

De 1\$000 a 20\$000 . . . . .	\$020	De 60\$000 a 80\$000 . . . . .	\$080
De 20\$000 a 40\$000 . . . . .	\$040	De 80\$000 a 100\$000 . . . . .	\$100
De 40\$000 a 60\$000 . . . . .	\$060	Cada 100\$000 a mais ou frac.	\$100

### b) SACADAS EM PRAÇAS ESTRANGEIRAS

*quando endossadas, accites ou pagas no continente e ilhas adjacentes*

De 1\$000 a 20\$000 . . . . .	\$020	Cada 100\$000 a mais ou fra- ccção . . . . .	\$100
De mais de 20\$000 a 100\$000	\$100		

## Licenças

Para uso e porte de arma... ..	2\$400	Para queimar simplesmen- te foguetes. . . . .	\$200
Para queimar fogos de ar- tificio . . . . .	\$500	Para velocipede, cada anno.	2\$400

## Passaportes

*conferidos a nacionaes para fóra do reino e das possessões ultramarinas,  
pela via maritima*

Até 3 pessoas... ..	3\$000	Ficam isentos os passaportes con- feridos a nacionaes que pretendam saír para as possessões portuguezas do ultramar.	
De cada pessoa a mais (ex- cepto crianças até 7 an- nos). . . . .	1\$000		

## Recibos

De 1\$000 a 10\$000... ..	\$010	De mais de 100\$000 a 250\$000	\$050
De mais de 10\$000 a 50\$000	\$200	Cada 250\$000 a mais ou fra- ccção . . . . .	\$050
De mais de 50\$000 a 100\$000	\$030		

## Registos

Dos baptisados ou nascimentos, dos casamentos e dos reconheci-  
mentos e legitimações dos filhos, cada assento . . . . . \$100





**JANEIRO — 31 dias**

- 1 Sexta. ✠ *Circumcisão do Senhor.*  
S. Fulgencio. GR. GALA.
- 2 Sabbado. St.º Izidoro.
- 3 **Domingo.** St.º Anthero. ☾ *Lua cheia.*
- 4 Segunda. S. Gregorio.
- 5 Terça. S. Simão.
- 6 Quarta. ✠ (*Epiphania*). Os St.ºs Reis Magos, Gaspar, Belchior e Baltazar.
- 7 Quinta. S. Theodoro. Acabam as ferias.
- 8 Sexta. S. Lourenço Justiniano.
- 9 Sabbado. S. Julião.
- 10 **Domingo.** S. Paulo.
- 11 Segunda. St.º Hygino. ☾ *Quarto minguante.*
- 12 Terça. S. Satyro.
- 13 Quarta. St.º Hilario.
- 14 Quinta. S. Felix.
- 15 Sexta. St.º Amaro.
- 16 Sabbado. S. Marcello.
- 17 **Domingo.** St.º Antão.
- 18 Segunda. St.ª Prisca. ☀ *Lua nova.*
- 19 Terça. S. Canuto.
- 20 Quarta. S. Sebastião.
- 21 Quinta. St.ª Ignez.
- 22 Sexta. ✠ S. Vicente, Padroairo do Algarve.
- 23 Sabbado. S. Raymundo.
- 24 **Domingo.** S. Thimotheo.
- 25 Segunda. Conversão de S. Paulo.  
☾ *Q. crescente.*
- 26 Terça. S. Polycarpo.
- 27 Quarta. S. João Chrysostomo.
- 28 Quinta. Trasladação de S. Thomaz d'Aquino.
- 29 Sexta. S. Francisco de Salles.
- 30 Sabbado. St.ª Martinha.
- 31 **Domingo.** S. Pedro Nolasco.

**FEVEREIRO — 29 dias**

- 1 Segunda. St.º Ignacio. ☾ *Lua cheia.*
- 2 Terça. ✠ *Purificação de Nossa Senhora.*
- 3 Quarta. S. Braz.
- 4 Quinta. St.º André Cursino.
- 5 Sexta. St.ª Agueda.
- 6 Sabbado. St.ª Dorotheia.
- 7 **Domingo.** S. Ramualdo.
- 8 Segunda. S. João da Matta.
- 9 Terça. St.ª Apolonia. ☾ *Quarto minguante.*
- 10 Quarta. St.ª Escolastica.
- 11 Quinta. S. Lazaro.
- 12 Sexta. St.ª Eulalia.
- 13 Sabbado. S. Gregorio II, P. M. St.ª Catharina de Ricci. St.ª Veridiana.
- 14 **Domingo.** S. Valentim.
- 15 Segunda. Trasladação de St.º Antonio.
- 16 Terça (*Entrudo*) S. Profiro. ☀ *L. nova.*
- 17 Quarta. (*Cinza*) S. Faustino.
- 18 Quinta. S. Theotónio, 1.º Prior de Santa Cruz de Coimbra. S. Simão, B. M.
- 19 Sexta. S. Gonçalo.
- 20 Sabbado. St.º Eleuterio.
- 21 **Domingo.** S. Maximiano.
- 22 Segunda. A Cadeira de S. Pedro.
- 23 Terça. S. Pedro Damião. ☾ *Q. crescente.*
- 24 Quarta. S. Mathias.
- 25 Quinta. S. Cesario.
- 26 Sexta. S. Torcato, Arcebispo de Braga.
- 27 Sabbado. S. Leandro.
- 28 **Domingo.** S. Romão.
- 29 Segunda. St.º Albino.



# VALES NACIONAES

Para Portugal, Açores e Madeira

## 1) Vales de correio

*Importancia maxima:* 500\$000 rs., quando o vale houver de ser pago em séde de districto; 200\$000 rs., quando houver de ser pago em séde de comarca; 100\$000 rs., quando houver de ser pago em séde de concelho.

*Despezas de emissão:* a) 5 rs., do sêllo da requisição; b) premio de 25 rs. por cada 5\$000 rs. ou fracção d'esta quantia; c) importancia da estampilha fiscal correspondente á quantia emitida, e que é a seguinte:

De 1\$000 a 10\$000 rs.	...	...	...	...	...	...	...	10 rs.
De mais de 10\$000 a 20\$000 rs.	...	...	...	...	...	...	...	20 »
De mais de 20\$000 a 50\$000 rs.	...	...	...	...	...	...	...	40 »
De mais de 50\$000 a 100\$000 rs.	...	...	...	...	...	...	...	60 »
De mais de 100\$000 a 500\$000 rs.	...	...	...	...	...	...	...	100 »

## 2) Vales telegraphicos

*Importancia maxima:* 100\$000 rs., seja qual fôr a localidade de pagamento.

*Despezas de emissão:* Além das referidas para os vales de correio, a taxa fixa de 300 rs., quando fôrem trocados entre as estações do continente ou entre as estações de cada uma das ilhas; ou a taxa que fôr devida pela transmissão do telegramma, quando fôrem trocados entre as estações do continente e as das ilhas ou entre as mesmas ilhas; e mais 5 rs. pelo impresso do telegramma.

## 3) Cartas com valor declarado

*Premio:* 250 rs. por cada 100\$000 rs. ou fracção.

*Importancia maxima:* 2:000\$000 rs.

*Despezas:* Além dos 250 rs. do premio, ha a pagar 50 rs. do registo e o porte correspondente.





**MARÇO — 31 dias**

- 1 Terça. St.<sup>o</sup> Adrião.
- 2 Quarta. S. Simplicio. ☾ *Lua cheia.*
- 3 Quinta. S. Hemiterio
- 4 Sexta. S. Casimiro.
- 5 Sabbado. S. Theophilo.
- 6 **Domingo.** St.<sup>o</sup> Ollegario.
- 7 Segunda. S. Thomaz d'Aquino.
- 8 Terça. S. João de Deus.
- 9 Quarta. St.<sup>a</sup> Francisca Romana. ☾ *Quarto ming.*
- 10 Quinta. S. Militão.
- 11 Sexta. S. Candido.
- 12 Sabbado. S. Gregorio.
- 13 **Domingo.** S. Rodrigo
- 14 Segunda. Trasl. de S. Boa-ventura.
- 15 Terça. S. Zacharias.
- 16 Quarta. S. Cyriaco.
- 17 Quinta. S. Patricio.
- 18 Sexta. S. Gabriel Archanjo.
- 19 Sabbado. ✠ S. José, esposo de Nossa Senhora. ☽ *Lua nova.*
- 20 **Domingo.** S. Martinho.
- 21 Segunda. S. Bento.
- 22 Terça. St.<sup>o</sup> Emygdio.
- 23 Quarta. S. Felix.
- 24 Quinta. S. Marcos.
- 25 Sexta. ✠ *Annuniação de Nossa Senhora.*
- 26 Sabbado. St.<sup>o</sup> Alexandre. ☽ *Q. crescente.*
- 27 **Domingo.** (*Ramos*) S. Roberto.
- 28 Segunda. St.<sup>o</sup> Alexandre.
- 29 Terça. S. Victorino.
- 30 Quarta. (*Trevas*) S. João Climaco.
- 31 Quinta. (*Endoenças*) ✠ (desde o meio dia) St.<sup>a</sup> Balbina.

**ABRIL — 30 dias**

- 1 Sexta. (*Paixão*) ✠ (até ao meio dia) S. Macario. ☽ *Lua cheia.*
- 2 Sabbado. (*Alleluia*) S. Francisco de Paula.
- 3 **Domingo.** S. Pancracio.
- 4 Segunda. S. Theodoro.
- 5 Terça. S. Vicente Ferrer.
- 6 Quarta. S. Marcellino.
- 7 Quinta. St.<sup>o</sup> Epiphanio.
- 8 Sexta. St.<sup>o</sup> Amancio. ☾ *Quarto minguate.*
- 9 Sabbado. Trasl. de St.<sup>a</sup> Monica.
- 10 **Domingo.** (*Paschoela*). S. Victor.
- 11 Segunda. S. Leão I.
- 12 Terça. St.<sup>o</sup> Ezequiel.
- 13 Quarta. S. Hermenegildo.
- 14 Quinta. S. Tiburcio.
- 15 Sexta. St.<sup>a</sup> Anastacia
- 16 Sabbado. St.<sup>a</sup> Engracia. ☽ *Lua nova.*
- 17 **Domingo.** St.<sup>o</sup> Aniceto.
- 18 Segunda. S. Gualdino.
- 19 Terça. S. Hermogenes.
- 20 Quarta. St.<sup>a</sup> Ignez de Montepoliciano.
- 21 Quinta. St.<sup>o</sup> Anselmo.
- 22 Sexta. S. Solero.
- 23 Sabbado. S. Jorge.
- 24 **Domingo.** S. Honorio
- 25 Segunda. S. Marcos Evangelista. ☽ *Quarto crescente.*
- 26 Terça. S. Pedro de Rates, M., 1.<sup>o</sup> B. de Braga.
- 27 Quarta. S. Tertuliano.
- 28 Quinta. S. Vital.
- 29 Sexta. S. Pedro. GR. GALA.
- 30 Sabbado. St.<sup>a</sup> Catharina de Sena, V.



# TELEGRAMMAS NACIONAES

## a) TAXAS ENTRE AS ESTAÇÕES DO REINO

<i>Ordinarios:</i>	Taxa fixa ... ..	\$050
	Cada palavra . . . . .	\$010
	Impresso ... ..	\$005
<i>Noticiosos:</i>	Taxa fixa ... ..	\$025
	Cada palavra . . . . .	\$005
	Impresso... ..	\$005

## b) TAXAS PARA AS COLONIAS PORTUGUEZAS

Destino	Via	Preço por palavra em francos
Açôres	Directa ... ..	0,550
Beira, Fontesville, etc.	Aden ... ..	3,800
Benguella	S. Vicente ou Hespanha—Tenerife...	12,085
Bissau	» »	5,425
Bolama	» »	5,425
Chibuto, Inhambane e Res-sano Garcia	Aden ... ..	3,900
Loanda	S. Vicente ou Hespanha—Tenerife...	10,425
Lourenço Marques	Aden ... ..	3,800
Madeira (Ilha da)	Directa. ... ..	0,675
Moçambique	Aden ... ..	3,800
Mossamedes	S. Vicente ou Hespanha—Tenerife...	13,185
Principe (Ilha do)	» »	8,595
S. Thiago de Cabo Verde	S. Vicente... ..	3,300
S. Thomé (Ilha de)	S. Vicente ou Hespanha—Tenerife...	7,925
S. Vicente de Cabo Verde	S. Vicente... ..	2,175
Z'ambezia	Aden ou Capetown ... ..	4,400

**Notas:** — 1.<sup>a</sup> O preço do franco é regulado por annuncios mandados publicar pela repartição dos Telegraphos.

2.<sup>a</sup> Os telegrammas *de resposta paga* pagam a taxa ordinaria que lhes competir pela sua cathegoria, e mais a taxa correspondente á resposta, quando fôr indicado o numero de palavras d'esta, que póde ser até 30; ou a taxa de um telegramma de 10 palavras, quando não fôr indicado o numero d'estas.





### MAIO — 31 dias

- 1 Domingo. S. Filippe.
- 2 Segunda. St.<sup>a</sup> Mafalda. ☾ *Lua cheia.*
- 3 Terça. Maternidade de Nossa Senhora.
- 4 Quarta. St.<sup>a</sup> Monica.
- 5 Quinta. Conversão de St. Agostinho.
- 6 Sexta. S. João Damasceno.
- 7 Sabbado. St. Estanislau.
- 8 Domingo. Aparição de S. Miguel.
- 9 Segunda. S. Gregorio Nazia. ☾ *Quarto minguante.*
- 10 Terça. St. Antonio, Arcebispo.
- 11 Quarta. St. Anastacio.
- 12 Quinta. ✠ *Ascensão do Senhor.*
- 13 Sexta. Nossa Senhora dos Martyres.
- 14 Sabbado. S. Bonifacio.
- 15 Domingo. St. Izidro.
- 16 Segunda. S. João Nepomuceno.
- 17 Terça. S. Paschoal. ● *Lua nova.*
- 18 Quarta. S. Venancio.
- 19 Quinta. S. Pedro Celestino.
- 20 Sexta. S. Bernardino de Sena.
- 21 Sabbado. S. Manços.
- 22 Domingo. St.<sup>a</sup> Rita de Cassia.
- 23 Segunda. S. Basilio.
- 24 Terça. St.<sup>a</sup> Afra. ☽ *Q. crescente.*
- 25 Quarta. S. Gregorio VIII.
- 26 Quinta. S. Filippe Nery.
- 27 Sexta. S. João, P. M.
- 28 Sabbado. S. Germano.
- 29 Domingo. SS. Trindade. S. Maximo.
- 30 Segunda. S. Fernando. ☾ *Lua cheia.*
- 31 Terça. St.<sup>a</sup> Petronilla, Virgem e Martyr.

### JUNHO — 30 dias

- 1 Quarta. S. Firmo, M.
- 2 Quinta. ✠ *Corpo de Deus.* S. Marcolino.
- 3 Sexta. St.<sup>a</sup> Clotilde.
- 4 Sabbado. S. Francisco Cariciolo.
- 5 Domingo. S. Marciano, M. S. Bonifacio.
- 6 Segunda. S. Norberto.
- 7 Terça. S. Roberto.
- 8 Quarta. S. Salustiano.
- 9 Quinta. S. Feliciano.
- 10 Sexta. ✠ *SS. Coração de Jesus.* ☾ *Q. ming.*
- 11 Sabbado. S. Barnabé.
- 12 Domingo. S. João de S. Fagundo.
- 13 Segunda. St. Antonio de Lisboa.
- 14 Terça. S. Basilio Magno.
- 15 Quarta. S. Salustiano.
- 16 Quinta. S. João Francisco. ● *Lua nova.*
- 17 Sexta. St.<sup>a</sup> Thereza.
- 18 Sabbado. S. Marcelliano
- 19 Domingo. St.<sup>a</sup> Juliana.
- 20 Segunda. S. Silverio.
- 21 Terça. S. Luiz Gonzaga.
- 22 Quarta. S. Paulino. ☽ *Quarto crescente.*
- 23 Quinta. S. João Sacerdote.
- 24 Sexta. ✠ *Nascimento de S. João Baptista.*
- 25 Sabbado. S. Guilherme.
- 26 Domingo. S. Paulo
- 27 Segunda. S. Ladislau.
- 28 Terça. S. Leão II.
- 29 Quarta. ✠ *S. Pedro e S. Paulo, App.*
- 30 Quinta. S. Marçal.



## Portes de correspondencia

**MUSEU DO TRAJE**  
São Brás de Alportel  
centro de documentação

PAIZES	Cartas (cada 15 gram. ou fracção)	Bilhetes postaes		Cartões postaes		Cada 50 gr. ou fracção			Manuscriptos	
		simples	resp. pag.	simples	resp. pag.	jornaes	impressos	amostras	até 250 gr	50 gr. a mais
1.º Portugal, Açores, Madeira, Cabo Verde, Guiné, S. Thomé e Príncipe, Angola, Moçambique, India, Macau e Timor.....	25	10	20	25	50	2 <sup>1</sup> / <sub>2</sub>	5	5	25	5
2.º Hespanha, Baleares, Canarias, Alhucemas, Ceuta, Melilla, Velez de Peñon, Casablanca, Larache, Mazagão, Mogador, Rabat, Saffi, Tanger, Tetuan e Republica de Andorra.....	25	10	20	25	—	2 <sup>1</sup> / <sub>2</sub>	5	5	25	5
3.º Estabelecimentos hespanhoes no golfo de Guiné (quando as correspondencias forem expedidas por via de Hespanha)...	50	10	20	50	—	5	5	5	(a)	5
4.º Allemanha, Austria-Hungria, Belgica, Bosnia-Herzegovina, Bulgaria, Creta, Dinam., Egypto, E. U. da America do Norte, França (comprehendendo o Monaco e Argelia), Gran-Bretanha (comp. o dominio do Canadá, Terra Nova, Gibraltar, Malta e Chypre), Grecia, Italia, Luxemburgo, Montenegro, Noruega, Paizes-Baixos, Persia, Roumania, Russia, Servia, Suecia, Suissa, Tunisia e Turquia da Europa e da Asia...	65	25	50	65	—	15	15	(b)	65	15
5.º Argentina (Republica), Bolivia, Brasil, Chili, China, Colonias britannicas na Asia, Africa, America e Oceania (excepto o dominio do Canadá e Terra Nova), Colonias dinamarquezas na America, Colonias francezas na Asia, Africa, America e Oceania (excepto Argelia), Colonias hespanholas no Golfo da Guiné (quando as correspondencias não forem expedidas por via de Hespanha), Colonias hollandezas na America e Oceania, Columbia, Congo (Estado independente), Coréa, Costa Rica, Dominicana (Republica), Equador, Guatemala, Haïti, Honduras (Republica), Japão, Liberia, Mexico, Nicaragua, Orange, Paraguay, Perú, Protectorados allemães na Africa e Oceania, Salvador, Sião, Transvaal, Uruguay, Venezuela, e paizes e colonias não designadas.....	130	25	25	65	—	15	15	(b)	65	15

(a) Para estes estabelecimentos hespanhoes, os manuscriptos até 500 gram. pagam 50 rs.

(b) Para estes grupos de paizes, as amostras até 100 gr. pagam 25 rs.; cada 50 gr. a mais 15 rs.

NOTAS: 1.º O limite de pezo dos jornaes e impressos é de 2 kilog. para todos os paizes; o das amostras é de 250 grammas para Portugal, ilhas adjacentes e possessões ultramarinas (podendo nas localidades pertencentes a estas ultimas, que não tenham serviço de encomendas, elevar-se a 500 grammas); de 500 grammas para os 2.º e 3.º grupos de paizes; e de 350 grammas para os paizes do 4.º e 5.º grupos; e o dos manuscriptos é de 2 kilogrammas para os paizes do 4.º e 5.º grupos, não havendo limite para os outros.

2.º Para todas estas classes de correspondencia o premio de registo é de 50 rs.; e o aviso de recepção do objecto registado 25 rs. para os paizes indicados nos grupos 1.º, e 2.º e 3.º, e 65 rs. para os indicados nos grupos 4.º e 5.º.





**JULHO — 31 dias**

- 1 Sexta. S. Theodorico.
- 2 Sabbado. St.<sup>a</sup> Marcia. ☾ *Lua cheia.*
- 3 **Domingo.** S. Jacintho.
- 4 Segunda. St.<sup>a</sup> Isabel, rainha de Portugal.
- 5 Terça. St. Athanasio.
- 6 Quarta. St.<sup>a</sup> Domingas.
- 7 Quinta. St.<sup>a</sup> Pulcheria. ☾ *Quarto minguante.*
- 8 Sexta. S. Procopio.
- 9 Sabbado. S. Cyrillo.
- 10 **Domingo.** S. Januario.
- 11 Segunda. S. Sabino.
- 12 Terça. S. João Gualberto.
- 13 Quarta. St. Anacleto.
- 14 Quinta. S. Boaventura. ☀ *Lua nova.*
- 15 Sexta. S. Camillo.
- 16 Sabbado. Nossa Senhora do Carmo.
- 17 **Domingo.** St. Aleixo.
- 18 Segunda. St.<sup>a</sup> Marinha.
- 19 Terça. O Anjo Custodio do Reino.
- 20 Quarta. St. Elias.
- 21 Quinta. St.<sup>a</sup> Praxedes. ☾ *Quarto crescente*
- 22 Sexta. St.<sup>a</sup> Maria Magdalena.
- 23 Sabbado. St. Apollinario.
- 24 **Domingo.** St.<sup>a</sup> Christina.
- 25 Segunda. S. Thiago.
- 26 Terça. Sant'Anna.
- 27 Quarta. S. Pantalcão.
- 28 Quinta. S. Salustiano. ☾ *Lua cheia.*
- 29 Sexta. St.<sup>a</sup> Martha.
- 30 Sabbado. S. Rufino.
- 31 **Domingo.** St. Ignacio de Loyola.  
G. GALA, pelo juramento da Carta Constitucional e anniversario do Infante D. Affonso.

**AGOSTO — 31 dias**

- 1 Segunda. S. Pedro *ad vincula.*
- 2 Terça. Nossa Senhora dos Anjos.
- 3 Quarta. St. Estevão.
- 4 Quinta. S. Domingos.
- 5 Sexta. Nossa Senhora das Neves. ☾ *Quarto minguante.*
- 6 Sabbado. S. Thiago Eremita.
- 7 **Domingo.** S. Caetano.
- 8 Segunda. S. Cyriaco e seus companheiros.
- 9 Terça. S. Romão.
- 10 Quarta. S. Lourenço.
- 11 Quinta. S. Tiburcio.
- 12 Sexta. Santa Clara. ☀ *Lua nova.*
- 13 Sabbado. St. Hypolito.
- 14 **Domingo.** St. Eusebio.
- 15 Segunda. ✠ *Assumpção de Nossa Senhora.*
- 16 Terça. S. Roque.
- 17 Quarta. S. Mamede.
- 18 Quinta. St.<sup>a</sup> Clara do Monte Falco.
- 19 Sexta. S. Luiz. ☾ *Quarto crescente.*
- 20 Sabbado. S. Bernardo.
- 21 **Domingo.** St.<sup>a</sup> Joanna Francisca.
- 22 Segunda. S. Timotheo.
- 23 Terça. S. Filippe Benicio.
- 24 Quarta. S. Bartholomeu.
- 25 Quinta. S. Luiz, rei de França.
- 26 Sexta. S. Zeferino.
- 27 Sabbado. S. José de Calazans.  
☾ *Lua cheia.*
- 28 **Domingo.** St. Agostinho.
- 29 Segunda. Degollação de S. João Baptista.
- 30 Terça. O Sagrado Coração de Maria.
- 31 Quarta. S. Raymundo Nonato.



PAIZES		Vias de transmissão	Até 1 kilog.	Até 3 kilog.	Até 4 kilog.	Até 5 kilog.
Portugal, ilhas, e Possessões	Portugal, Açores e Madeira . . . . .		—	200	250	300
	Cabo-Verde (S. Vicente e S. Thiago), Guiné (Bissau e Bolama), S. Thomé e Príncipe, e Angola (Ambriz, Ambrizette, Benguella, Cabinda, Loanda, Mossamedes, Novo Redondo, Porto Alexandre e Santo Antonio do Zaire). . . . .	Paquetes portuguezes	—	—	—	400
	Moçambique (Lourenço Marques, Gaza, Manica, Sofala, Ibo, Porto Amelia e mais territorios do districto de Cabo Delgado) . . . . .	Paquetes allemães	—	—	—	910
	India (Damão e Gôa) . . . . .	Paquetes inglezes	975	1:495	—	2:015
	Macau . . . . .	" "	650	975	—	1:300
	Allemanha. . . . .	Paquetes allemães	—	—	—	585
	Argelia . . . . .	Paquetes francezes	—	—	—	585
	Argentina (Republica) . . . . .	" "	—	—	—	1:040
	Austria-Hungria . . . . .	Paq. allemães ou ital.	—	—	—	520
	Belgica . . . . .	Via Hespanha	—	585	—	—
Outros paizes	Brazil . . . . .	Paquetes allemães	—	—	—	715
	Congo (Estado independente) . . . . .	Paq. port. ou inglezes	—	—	—	975
	Congo francez, Costa do Marfim, Dahomey, e dependencias. . . . .	Paquetes allemães	—	—	—	1:235
	Dinamarca. . . . .	Paquetes francezes	—	—	—	1:105
	Egypto . . . . .	Paquetes allemães	—	—	—	715
	Estados-Unid. da America do Norte, a) Cidades de New-York-City, e Manilla (Ilhas Philippinas) . . . . .	Paq. allemães ou ital.	—	—	—	715
	b) Outras localidades do continente dos Estados-Unidos. . . . .	" "	700	885	—	1:065
	França . . . . .	" "	960	1:047	—	2:120
	Gran-Bretanha e Irlanda . . . . .	Paquetes francezes	—	—	—	455
	Gibraltar . . . . .	Paquetes inglezes	520	650	—	780
	Hespanha . . . . .	" "	650	975	—	1:300
	Hollanda . . . . .	Via directa	—	390	—	—
	" . . . . .	Paquetes allemães	—	—	—	715
	Italia. . . . .	Paquetes inglezes	—	—	—	455
	Marrocos (Tanger, Casablanca, Mazagão, Mogador, Larache, Rabat, Saffi e Tetuan) . . . . .	Paq. allemães ou ital.	650	845	—	1:040
	Noruega . . . . .	Paquetes francezes	—	—	—	715
	Senegal e Guiné Franceza. . . . .	Paquetes inglezes	650	780	—	910
	Suecia . . . . .	Paquetes francezes	—	—	—	585
	Suissa. . . . .	Paquetes allemães	—	—	—	975
	Tripoli da Berberia . . . . .	Paq. allemães ou ital.	—	—	—	520
Tunisia . . . . .	" "	—	—	—	520	
	" "	—	—	—	650	

*Notas: 1.º Na tabella das encomendas postaes apenas mencionamos os portes para os paizes com que temos relações mais frequentes, e a via de transmissão mais economica para os remetentes. 2.º O limite maximo de peso das encomendas postaes é de 5 kilog. para as expedidas por via maritima, e de 3 kilog. para as expedidas por via terrestre, conforme vae indicado na tabella. 3.º Cada volume de encomendas não pôde ter em qual-quer das suas faces dimensões superiores a 60 centimetros.*





**SETEMBRO — 30 dias**

- 1 Quinta. S. Egydio.
- 2 Sexta. S. Ricardo.
- 3 Sabbado. St.<sup>a</sup> Eufemia. ☾ Q.  
*minguante.*
- 4 Domingo. St.<sup>a</sup> Rosa de Viterbo.
- 5 Segunda. St. Antonino.
- 6 Terça. St.<sup>a</sup> Libania.
- 7 Quarta. S. João, M.
- 8 Quinta. Natividade de Nossa Se-  
nhora.
- 9 Sexta. S. Sergio.
- 10 Sabbado. S. Nicolou Tolentino.  
● *L. nova.*
- 11 Domingo. St.<sup>a</sup> Theodora.
- 12 Segunda. St.<sup>a</sup> Anta.
- 13 Terça. O SS. Nome de Maria.
- 14 Quarta. Exaltação da Santa  
Cruz
- 15 Quinta. S. Domingos em So-  
riano.
- 16 Sexta. Trasladação de S. Vi-  
cente.
- 17 Sabbado. S. Pedro de Arbuis.  
☾ *Quarto crescente.*
- 18 Domingo. S. José Cupertino.
- 19 Segunda. S. Januario.
- 20 Terça. St. Eustachio, e seus  
comp.
- 21 Quarta. S. Matheus.
- 22 Quinta. S. Mauricio e seus com-  
panheiros.
- 23 Sexta. S. Lino.
- 24 Sabbado. Nossa Senhora das  
Mercês.
- 25 Domingo. S. Firmino. ☾ *Lua  
cheia.*
- 26 Segunda. S. Cypriano.
- 27 Terça. S. Cosme.
- 28 Quarta. S. Wenceslau.
- 29 Quinta. S. Miguel Archanjo.
- 30 Sexta. S. Jeronymo.

**OUTUBRO — 31 dias**

- 1 Sabbado. S. Verissimo.
- 2 Domingo. Os Anjos da Guarda.
- 3 Segunda. S. Candido. ☾ *Quarto  
minguante.*
- 4 Terça. Rosario de Nossa Se-  
nhora.
- 5 Quarta. S. Placido.
- 6 Quinta. S. Bruno.
- 7 Sexta. S. Marcos, P.
- 8 Sabbado. St.<sup>a</sup> Brigida, viuva.
- 9 Domingo. S. Dionysio.
- 10 Segunda. S. Francisco de Borja.  
● *Lua nova.*
- 11 Terça. Nossa Senhora dos Re-  
medios.
- 12 Quarta. S. Cypriano.
- 13 Quinta. St. Eduardo.
- 14 Sexta. S. Calixto.
- 15 Sabbado. St.<sup>a</sup> Thereza de Jesus.
- 16 Domingo. S. Martiniano, M. GR.  
GALA, pelo anniversario de D.  
Maria Pia.
- 17 Segunda. St.<sup>a</sup> Hedwiges. ☾ Q.  
*crescente.*
- 18 Terça. S. Lucas.
- 19 Quarta. S. Pedro de Alcantara.
- 20 Quinta. St.<sup>a</sup> Iria.
- 21 Sexta. St.<sup>a</sup> Ursula
- 22 Sabbado. St.<sup>a</sup> Maria Salomé.
- 23 Domingo. S. João de Capistrano.
- 24 Segunda. S. Raphael Archanjo.
- 25 Terça. S. Chrispim. ☾ *Lua cheia.*
- 26 Quarta. St. Evaristo.
- 27 Quinta. St.<sup>os</sup> Martyres d'Evora.
- 28 Sexta. S. Simão.
- 29 Sabbado. Trasladação de St.<sup>a</sup>  
Isabel.
- 30 Domingo. S. Serapião.
- 31 Segunda. S. Quintino. ☾ Q.  
*minguante.*



# Feiras e mercados principaes do ALGARVE

Localidades	Feiras ou mercados	Dias em que se realisam
Albufeira.	F.	3 de Fevereiro.
Alcoutim.	»	13 de Setembro.
Aljezur.	»	25 de Setembro.
Azinhal.	»	20 de Agosto.
Castromarim.	M.	15 de Agosto.
Estoy.	F.	4 de Julho.
Faro.	»	16 de Julho.
»	»	20 de Outubro.
Guia.	»	7 de Outubro.
Lagos.	F.	16 de Agosto.
»	»	12 de Outubro.
Lagôa.	»	6 de Novembro.
Loulé.	»	29 de Agosto.
»	»	2. <sup>a</sup> Sexta-feira da Quar.
Martim-Longo.	M.	Dia de Corpo de Deus.
Messines.	F.	Ultimo Dom. de Maio.
»	»	20 de Setembro.
Moncarapacho.	F.	30 de Setembro.
Monchique.	»	26 de Outubro.
»	M.	4. <sup>o</sup> Dom. de cada mez.
Olhão.	F.	30 de Abril.
»	»	29 de Setembro.
S. Bartholomeu (conce- lho de Castromarim).	»	16 de Setembro.
Silves.	»	1 de Novembro.
»	»	Dom. de Bom-Pastor.
Tavira.	»	1 de Agosto.
»	»	4 de Outubro.
»	M.	3. <sup>o</sup> Dom. de cada mez.
Villa Nova de Portimão	F.	11 de Novembro.
»	M.	1. <sup>o</sup> Dom. de cada mez.
Villa Real de S. Antonio	F.	12 de Setembro.





**NOVEMBRO — 30 dias**

- 1 Terça. ✠ *Festa de Todos os Santos.*
- 2 Quarta. Commem. dos Fieis Defuntos. S. Victorino.
- 3 Quinta. S. Malaquias, B. Primaz da Irlanda.
- 4 Sexta. S. Carlos Burromeu.
- 5 Sabbado. S. Zacharias e St.<sup>a</sup> Isabel, paes de S. João Baptista.
- 6 **Domingo.** S. Severo.
- 7 Segunda. S. Florencio. ● *Lua nova*
- 8 Terça. S. Severiano.
- 9 Quarta. S. Theodoro.
- 10 Quinta. St. André.
- 11 Sexta. S. Martinho.
- 12 Sabbado. S. Martinho.
- 13 **Domingo.** St. Eugenio.
- 14 Segunda. Trasladação de S. Paulo. ☾ *Quarto crescente.*
- 15 Terça. St.<sup>a</sup> Gertrudes.
- 16 Quarta. S. Valerio.
- 17 Quinta. S. Gregorio.
- 18 Sexta. S. Romão.
- 19 Sabbado. St.<sup>a</sup> Isabel.
- 20 **Domingo.** S. Felix.
- 21 Segunda. Apresentação de Nossa Senhora.
- 22 Terça. St.<sup>a</sup> Cecilia.
- 23 Quarta. S. Clemente.
- 24 Quinta. S. João da Cruz. ☽ *L. cheia.*
- 25 Sexta. St.<sup>a</sup> Catharina.
- 26 Sabbado. S. Pedro Alexandre
- 27 **Domingo.** (1.<sup>o</sup> do Advento). St.<sup>a</sup> Margarida.
- 28 Segunda. S. Gregorio III.
- 29 Terça. S. Saturnino.
- 30 Quarta. St. André. ☾ *Quarto minguante.*

**DEZEMBRO — 31 dias**

- 1 Quinta. St. Eloy.
- 2 Sexta. St.<sup>a</sup> Bibiana.
- 3 Sabbado. S. Francisco Xavier.
- 4 **Domingo.** (2.<sup>o</sup> do Advento) S. Nicolau.
- 5 Segunda. S. Geraldo.
- 6 Terça. St.<sup>a</sup> Barbara.
- 7 Quarta. St. Ambrosio. ● *Lua nova.*
- 8 Quinta. ✠ *A Immaculada Conceição, Padroeira do Reino.*
- 9 Sexta. St.<sup>a</sup> Leocadia.
- 10 Sabbado. S. Melchiades.
- 11 **Domingo.** (3.<sup>o</sup> do Advento). S. Damaso.
- 12 Segunda. S. Justino.
- 13 Terça. St.<sup>a</sup> Luzia.
- 14 Quarta. St. Agnello. ☽ *Quarto crescente.*
- 15 Quinta. St. Eusebio.
- 16 Sexta. St.<sup>a</sup> Adelaide.
- 17 Sabbado. S. Bartholomeu de St.<sup>a</sup> Geminia.
- 18 **Domingo.** (4.<sup>o</sup> do Advento) Nossa Senhora do O'.
- 19 Segunda. St.<sup>a</sup> Fausta.
- 20 Terça. S. Domingos de Silos.
- 21 Quarta. S. Thomé.
- 22 Quinta. St. Honorato. ☽ *L. cheia.*
- 23 Sexta. S. Servulo.
- 24 Sabbado. S. Gregorio.
- 25 **Domingo.** ✠ *Nascimento de N. Senhor Jesus Christo.*
- 26 Segunda. (1.<sup>a</sup> oitava) St. Estevão.
- 27 Terça. (2.<sup>a</sup> oitava). S. João Evangelista.
- 28 Quarta. (3.<sup>a</sup> oitava) Os Santos Innocentes.
- 29 Quinta. S. Thomaz. ☽ *Q. ming.*
- 30 Sexta. S. Sabino.
- 31 Sabbado. S. Silvestre.



**Janeiro** — Semeiam-se: plantas medicinaes, favas, ervilhas, centeio, batatas, grãos de bico e alhos; plantam-se: romeiras e hortaliças; regam-se colmeias e preparam-se terras para plantar bacello, etc.

**Fevereiro** — Semeiam-se: cominhos, espinafres, rábanos, alface allemã, chicória, acelgas, caroços de damascos, pecegos, alperches; transplantam-se: amoreiras, laranjeiras e cidreiras.

**Março** — Semeiam-se: pevides de melão, melancia, abobora, pepinos, lentilhas, beldroegas e tomates; enxertam-se as arvores que rebentam tarde e escavam-se as vinhas e mondam-se os trigos.

**Abril** — Crestam-se colmeias e tosquam-se os gados lanigeros.

**Mai**o — Semeiam-se: coentros, salsa, feijão em terras humidas; tosquam-se as ovelhas e attestam-se os vinhos.

**Junho** — Enxertam-se de escudo as arvores de casca grossa; sacham-se os milhos e recolhem-se os legumes.

**Julho** — Regam-se os pomares e começam-se as ceifas.

**Agosto** — Semeiam-se: tremoços, cenouras, arruda e rosmaninho; espreitam-se as colmeias, preparam-se as vazilhas e estrumam-se as terras.

**Setembro** — Plantam-se: cidreiras, limoeiros e arvores de espinho; é tempo de vindima e de fazer passas de uvas.

**Outubro** — Plantam-se: nogueiras, avelleiras e amendoeiras.

**Novembro** — Cortam-se as madeiras que estiverem sazoadas e plantam-se carvalhos, castanheiros e oliveiras.

**Dezembro** — Plantam-se: choupos e castanheiros e semeiam-se alfices e nabos.



## JARDINAGEM

**Janeiro** — Aparam-se roseiras e arbustos que careçam de córte. Mudanças e transplantações também se fazem n'este mez e em dias agrestes. Ainda se mettem na terra raizes de ranunculos.

**Fevereiro** — Proseguem-se os trabalhos de limpeza indicados em janeiro; preparam-se canteiros e vasos para as sementeiras de março; transplantam-se nos canteiros as campanulas, cravinas e girasoes; devem-se já dispôr amores-perfeitos e estrumarem-se os jardins.

**Março** — Semeiam-se: perpetuas, verbenas, esporas, papoulas, ervilhas de cheiro, secias, papagaios, potunias, goivos vermelhos, goivos amarellos, boas-noites, goivos maritimos e dahlías.

**Abril** — Manifestam-se as influencias fecundas da primavera. Regam-se os jardins e activa-se o desenvolvimento das plantas.

**Mai**o — Sacham-se os canteiros e vasos de cravos; plantam-se em canteiros angelicas azues e colchicos; mettem-se de estaca: datura arborea, jasmim de Hespanha e salvias.

**Junho** — Levantam-se da terra os jacinthos e as tulipas. Sendo a estação sêcca, fazem-se regas diariamente.

**Julho** — Regam-se com frequencia as dahlías que estão em vegetação.

**Agosto** — Limpeza da relva e caça aos insectos nocivos.

**Setembro** — Terminam os enxertos das roseiras.

**Outubro** — Estrumam-se os canteiros.

**Novembro** — Dispõe-se plantas bolbosas: jacinthos, tulipas e outras.

**Dezembro** — Devem cobrir-se com esteiras as plantas que possam sofrer com as geadas.





a

Garrett







É a morte que molda bem o tamanho das figuras, porque o fragôr dos desabamentos é que exprime a grandeza dos que tombam. Quando uma clara, uma intensa e brilhantíssima luz se apaga, é que as pupillas e as almas, cobertas já pelo negrume da treva, comprehendem e sentem bem a suavidade, o fulgôr e a radiação d'essa luz.

Só estimamos profundamente o bem quando o mal nos esmaga e são as garras da dôr, rasgando-nos o coração, que nos mostram, com essa eloquencia vibrantíssima do contraste, toda a doçura, todo o carinho e toda a suavidade que a ventura abrange.

Fez-se o lucto tumular e tragico da Noite para sentirmos melhor a radiação suavíssima e brilhantíssima do Dia, e foi para admirarmos a grandeza colossal e epica das montanhas que se fez a humildade modesta dos pequeninos grãos de arêa.

E' depois que o artista tomba que a sua obra se vê bem, porque a luz verdadeira da gloria só amanhece quando se põe a luz pallida da Vida, e, por isso, são as gerações posteriores que comprehendem, que estimam e que glorificam as gerações mortas.

A grandeza vista de perto esmaga e, por consequencia, não deixa ao espirito a liberdade do seu vôo como uma luz muito intensa cega e não deixa a retina apreciar a doçura dos contornos e suavidade macia das linhas.

Quem olhar, collocado no valle, a montanha que está soldada a elle, nem lhe pôde medir a estatura, nem lhe pôde comprehender a fôrma.

Na Natureza e no espirito humano, os cumes vêem-se bem sómente de longe e por isso, a posteridade, que está a distancia, é que analisa justamente os grandes genios.

Foi depois que Garrett tombou que a sua grandeza immensa se viu melhor e, dia a dia, essa grandeza cresce, sóbe e illumina-se mais, porque vae augmentando a distancia que nos separa da sua epocha.

Callou-se ha muito o rumor miseravel e peçonhento das calumnias e das invejas, com que pretenderam macular-lhe o genio e o character, e é quando se faz, em volta dos tumulos, esse silencio limpido que o hymno triumphal da gloria se ergue.

JOÃO LUCIO.



## Olhos de Joanninha

(Sobre um thema de Garrett)

Olhos verdes côr da terra,  
Olhos verdes côr do mar,  
Que esperanças não encerra  
P'ra um coração que erra  
O seu dulcissimo olhar!

São teus olhos, Joanninha,  
Côr do prado a ondular,  
Côr da hera e côr da vinha  
E do valle, em que á noitinha,  
Os rouxinoes vão cantar.

Na sua verde retina  
Ha transparencias de mar  
E scintillações de Ondina;  
E' a marinha mais fina  
Que Deus podia criar.

São teus olhos livro immenso  
Onde se vão registrar,  
Em letras d'um brilho intenso,  
Combinações taes, que eu penso  
Ninguem poder decifrar.

Olhos azues, olhos pretos,  
Olhos feitos para amar,  
Que magnificos duettos,  
Sob as olaias e fetos,  
Todos sabeis entoar.

A noite é negra, mas bella,  
Luzem estrellas no ar...  
Vêde uma hora essa téla  
E eu vos juro que após ella  
Pelo dia heis de anhelar.

Vem o dia; o céu formoso  
Seu azul faz exalçar...  
E' um quadro magestoso!  
Mas no fim de tanto goso  
Vossa vista ha de cansar.

Só na côr verde se ostenta  
Toda a belleza sem par,  
Que não nos cansa, mas tenta...  
A outra côr quem intenta  
A côr verde comparar?

Que linguagem se encerra  
De teus olhos no brilhar?  
Diz ao coração que erra  
As alegrias da terra  
Ou as tristezas do mar?

Alegrias e tristezas  
Eis a vida -- é reparar:  
Mar aqui, além devezas...  
Olhos verdes, que surpresas  
Que me vindes revelar! ..

Olhos verdes, com que vens  
Meu coração enlear  
Em caprichosos vaivens...  
Joanninha, porque tens  
Os olhos da côr do mar?...

JOSÉ CASTANHO.

---

## O valle de Santarem

---

Meu lindo valle por Garrett amado,  
Cheio de rouxinoes e de verduras  
De congossa florida alcatifado:

Meu doce e manso valle de doçuras  
Cheiroso á madresilva dos vallados,  
'Todo unguido de biblicas frescuras:



D'aqui te evoco os deleitosos prados,  
Verdes como esses olhos de Joanninha,  
Que os olhos deixou n'elles encantados...

D'aqui me ponho a vêr a janellinha  
Cade ella ia scismar, sem um cuidado,  
Ouvindo os rouxinoes, pela tardinha ;

Aquelles rouxinoes que tão lembrado  
Fazem o rouxinol de Bernardim,  
O que caíu na agua, de cansado...

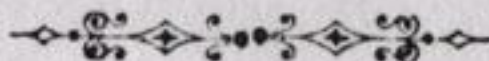
E n'este engano d'alma, sinto em mim  
Não sei que suavissima doçura,  
Evocando-a á janella, posta assim...

Posta assim, longe d'essa desventura  
Que a fez, tempo depois, morrer d'amor,  
E o verde olhar lhe encheu de noite escura...

D'aqui te sonho, ó verde valle em flor  
(Cheio da saudade d'esse olhar...)  
Por um sol-posto triste e sonhador :

Teus rouxinoes deixaram de cantar...  
Choram agora ao pé d'essa janella  
Onde a Joanninha já não vem scismar...

BERNARDO DE PASSOS.



## PORTUGAL



Meu lindo Portugal abençoado  
Patria d'um povo audaz e combatente;  
Ser portuguez, ser d'esta heroica gente  
E' ser bom marinheiro e bom soldado.

Paiz para chorar; paiz do Fado,  
Triste como a tristeza d'um poente;  
Paiz que esquece os males do presente  
Cantando as aventuras do passado.

Lindo paiz de bravos cavalleiros;  
Paiz do D. Magriço tão famoso,  
Paiz do amor, paiz de aventureiros.

Não o perdemos não; tenhamos fé:  
Ha de ser sempre o Portugal saudoso,  
A patria de Camões e de Garrett.

ANTONIO SANTOS.



Garrett Gentil

Eu venho-vos fallar do dandy dos salões,  
Do que fez delirar os brandos corações  
Com a graça subtil dos galantes primores :  
Do Garrett romanesco e fino dos amores,  
Da figura brilhante, altiva e delicada  
Que forjava, sorrindo, a algema doirada  
Com que o pallido amor as almas maniéta,  
Do que foi, para vós, o mais fino poeta :  
Do que soube dizer, para crear amores,  
Palavras com aroma assim como o das flores,  
Palavras em que havia a chamma d'esses lumes  
Que sentimos girar nos lubricos perfumes,  
Isso que tem tambem a voz das violetas  
Quando falla p'ra o sol e para as borboletas,  
Esse encanto dormente, extranho, singular,  
Que faz o coração ter ancias de voar.  
Venho fallar d'aquelle aprimorado vulto  
Que, em vossos corações, tem um suave culto,  
Lindas mulheres gentis da terra portugueza,  
Do que foi, assim como a fresca Natureza,  
Sempre galante e moço, e, como ella, vestia  
Diversa *toilette* em cada novo dia.  
Evoco-lhe a figura esbelta e radiante,  
O delicado ar risonho e triumphante  
Do seu perfil ardente, aonde amanhecia  
A luz do genio, que é mais clara que a do dia :  
A graça immortal d'essa cabeça bella,  
Com arestas de luz assim como uma estrella !

JOÃO LUCIO.

GARRETT

Se os vermes o teu corpo a pó já reduziram,  
Esse acto trivial não me enche de pavor !  
Tuas cinzas de luz aos astros já subiram,  
Vibrantes e immortaes, nas azas do condor !

D'entre os vastos laureis vindos das multidões,  
Reserva-se um altar á gloria genial:  
Ao sublime cantor do sublime Camões  
Saúda a debil voz do velho Portugal.

Na lusa patria nossa eu ousou erguer um brado,  
Um brado esperançoso e repleto de fé :  
— Tomae, ó mocidade, o exemplo assignalado  
Do grande portuguez : — do immortal Garrett !

MARCOS ALGARVE.



# A OUSADIA



USAR é o caminho do progresso.

Todas as graves conquistas são, mais ou menos, premios da ousadia. Não é bastante para a revolução se effectuar, que Montesquieu a presinta, que Beaumarchais a annuncie, que Condorcet a calcúle, que Aronet a prepare e que Rousseau a premedite; é necessario Danton com a sua ousadia.

O grito, *Audacia!* é um *Fiat lux*. Para que o genero humano avance, é preciso ter sempre bem altas e patentes as grandes lições de coragem. As temeridades deslumbram a historia, e alumiam o homem. A aurora, quando desperta no horisonte, ousa. Emprehender, arrostar, persistir, affrontar, lutar com o destino corpo a corpo, fazer que a catastrophe se admire em presença da abnegação: ora reagir contra o poder despotico, ora insultar a victoria ébria, resistir, teimar, — eis o exemplo de que os povos necessitam, e a luz que os electrisa. E' o mesmo relampago formidavel o que vae do facho de Prometheu ao desforço de Cambronne.

VICTOR HUGO.

## N'UM FESTEJO FLUVIAL

(*A auctoridade maritima*)

Eu sou d'aquella terra de valentes  
Que dominam os mares tenebrosos,  
Que seguem sempre ávante, esperançosos,  
A' procura d'ignotos continentes.

Que sorriem dos gritos inclementes  
Do mar, do céu, do vento, revoltosos,  
E que julgam ainda mais formosos  
Os tropicos, as mattas e as serpentes...

Por isso, Commandante, espero vê-lo  
A' prôa, resoluto, no castello  
Como um antigo heroe de Portugal.

Eu sou, conheço, um nauta já das sobras,  
Mas *redijo* tão bem essas manobras  
Como os *linguados* para o meu jornal!...

J. B.

## O verdadeiro amor

(INÉDITO)

Amor eterno, amor immaculado  
Como a hostia ao erguer-se no altar...  
Amor que seja um astro a despontar,  
Enchendo a alma d'um luar sagrado

Amor sem fé, amor desinteressado,  
N'um peito virginal a borbulhar...  
Amor santo que faça ajoelhar  
E que viva de todos ignorado...

Amor altivo abençoando a dôr,  
Saudoso de si mesmo e do seu mal  
E a tender para o Céu, feito oração...

Amor que seja bem *primeiro amor*...  
Amor louco, impossivel, para o qual  
Seja berço e sepulchro o coração!

Bernardo de Passos.





JOAQUIM GUILHERME GOMES COELHO, conhecido nas letras pelo pseudonymo de Julio Diniz, era, além de medico distincto e poeta de rica envergadura, um fino observador social, que transplantou para a meia duzia de livros que celeremente escreveu as mais insinuantes almas arteesistas no mundo pela sua psychologia de sonhador e de naturalista.

Dos seus livros, todos elles de merecimento, refulgem as paginas do primeiro — o maravilhoso volume das *Pupillas do senhor reitor*, obra prima d'entre as melhores da nossa fertil litteratura.

Os livros de Julio Diniz, ao apparecerem, fizeram sensação, porque as scenas e personagens ali desenhadas eram tiradas da vida real, empolgadas pela naturalidade flagrante d'um espirito calmo e ter-no, e sem as indecorosas analyses a que depois d'elle muitos desceram com exageros, trocando o gume da realidade pelo descalabro da obscenidade.

As *Pupillas* foram sem duvida como que uma aurora que surgiu de repente na escuridão do nosso meio pensante, lançando fulgores de verdade sobre as hirtas convenções d'uma arte caduca e desenfreadamente ficticia...



(1) O sr. F. L., de Beja, enviou-nos o presente artigo e gravura com uma carta que terminava por estas palavras: «... presta assim o *Almanach do Algarve* homenagem a dois homens raros: ao medico notavel e ao malaventurado estudante liberal do tempo de D. Miguel, que figurou no celebre massacre dos lentes da Universidade de Coimbra, obrigando-se, para não soffrer as torturas dos seus condiscipulos, a queimar o rosto com polvora, o que o desfigurou horriavelmente, e a fazer vida de vagabundo. No Algarve era conhecido pelo nome de *Fresca Ribeira*, e no Alemtejo pelo de *João Valjean*; deixou um grosso manuscripto com as suas *memorias*, que são sobremodo interessantes e litterarias».

Ao sr. F. L. renovamos os nossos agradecimentos pela sua valiosa offerta.



nome de João Semana tornou-se então de dominio publico, e de teimas se elle seria apenas uma criação romantica do auctor ou um fiel producto do pouco que a humanidade de bom tem. Apu-rou-se com precisão isto: João Semana existia, morava proximo de Ovar e era em tudo uma copia exacta do bondoso medico das *Pupillas*.

Agora o nosso caso :

Um dia, após uma penosa jornada a que a minha existencia de vagabundo me obriga, cheguei doente a uma villa do Alemtejo, cujo nome a minha enfraquecida memoria já esqueceu, e abi me aconselharam a consultar o caridoso medico da localidade. Fui.

Penetrei no consultorio, uma casa pequena e modesta, tendo na frente, por cima da cabeça do clinico, um quadro com o retrato do mestre da moderna sciencia portugueza...

João Semana... Junior, lá estava no seu posto, attento, pensativo, jovial, com um ligeiro tremor nervoso nos dedos, recordando-me logo do João Semana, do proprio Julio Diniz ou do Daniel Dornas, aquelle que, quando consultado por uma morena nervosa e obcecada pelo romanticismo, lhe ciciava n'uma confidente receita :

Morena, morena,  
Dos olhos castanhos,  
Quem te deu, morena,  
Encantos tamanhos?

Morena, morena,  
Dos olhos rasgados,  
Teus olhos, morena,  
São os meus cuidados...

Era João Semana Junior o prototypo do apostolo do bem; a sua bondade altruista, discretamente espalhada pelo povo da localidade, não tinha limites. Chamavam-lhe tambem *o pae dos pobres*, porque fundára uma associação para soccorrer a pobreza recolhida.

A sua apparencia attrahente, delicada, singelissima, produzia no animo dos que o viam pela primeira vez, como aconteceu a mim, a consoladora impressão que sentimos ao tornar a abraçar um bom amigo da infancia.

O seu systema nervoso, porém, patenteava-se logo á minha vista como engrenagem digna da profunda observação de Charcot; as subtilezas d'uma alma que aspirava a perfeição da especie, debalde se encobriam com o materialismo profissional do medico e do sabio.

Ah! coração assim, pulsando desinteressadamente ao contacto dos soffrimentos alheios, só os milhares de infelizes por elle soccorridos o poderiam photographar com exactidão cabal!

\*

\*

\*

Mais tarde voltei á mesma terra e soube que João Semana Junior já não existia, porque a Morte, obedecendo á lei inaltaravel que a rege, lhe desaggregára o espirito da materia n'uma irreverencia



pag. Mas os desgraçadinhos que o viram descer á cova rasa do  
cemitério, vingaram-se da orphandade cruel em que o Destino os lan-  
çou de Alportel do com um montão de lírios e violetas a campa do seu  
protector.

São cinco horas da tarde, ponho de parte estas notas a lapis  
que devem juntar ás minhas memorias, e vou recommençar a pesca á  
canna, que o brazeiro d'este sol de verão imperiosamente interrom-  
pera.

Margens do Guadiana, 29 — 7 — 18...

JOÃO VALJEAN.

---

## Inédito

---

Provincia onde nasci, amada do luar  
É do forte sol claro, ardente e immorredoiro,  
És como um lyrio azul deitado á beira-mar  
Com o calix gentil a embeber-se em oiro.

Tens o riso innocente, a bonhomia calma  
É o risonho aspecto ingenuo das creanças:  
O sol doira-te o corpo, a phantasia a alma,  
Falla-te o mar d'amor com a côr das esp'ranças!

Que este livro te diga, oh! terra aventureira,  
Como bate por ti um coração do Sul:  
Que elle seja sómente uma canção ligeira,  
Quente como o teu céu e, como elle, azul.

Quando os astros, á noite, errantes e dispersos,  
Vierem mergulhar nas aguas do teu mar,  
Vae ler-lhes mansamente estes humildes versos,  
P'ra que digam a Deus como te sei amar.

E colloca este livro entre os sinceros amores  
Dos puros corações que trabalham p'ra ti:  
Quem pudésse exprimir-se em estrophes de cores!  
Quem me déra um pincel, provincia onde nasci!

*D'Ô Meu Algarve.*

JOÃO LUCIO.

Ha mais luz nas vinte e quatro letras do abecedario do que em todas  
as constellações do firmamento.

GUERRA JUNQUEIRO.



(Ao humorista João Capuz)

O amor em quem apparece  
Dizem que faz maravilhas,  
Eu nunca vi que fizesse  
Mais do que filhos e filhas...

*Augusto Gil.*

I

Esses teus olhos castanhos  
Parecem rosas fanadas...  
Pois precisam d'alguns banhos  
E de muitas vassouradas.

II

Não te zangues, ó donzella,  
Que tudo isto é brincadeira;  
E continua á janella,  
Minha tola janelleira!

III

Os suspiros que tu soltas  
Pelo teu amor terceiro,  
Lembram miados e voltas  
Que os gatos dão em janeiro.

IV

Ao lêres o folhetim  
Toda trémula e nervosa,  
Tuas faces de setim  
Ficam sem a côr mimosa...

V

Não sei se tantos caprichos  
São loucuras ou cynismo,  
Mimo, tolices, esguichos  
Do teu maldito hysterismo?!

VI

A moda que veio de França  
Com certeza hade acabar:  
Porque ha cá muita creança  
Sem ser preciso importar...

VII

Estes poetas d'agora  
Não passam d'uns choramingas:  
Andam pela vida fóra  
Com lacrimosas seringas...

VIII

Tóma cuidado, Maria,  
Que o calor da tarde tósta...  
Já ao pino do meio-dia  
Andava moiro na costa!

IX

Suppliquei sempre a esmola  
Ao teu busto de princeza:  
D'abraços á hespanhola  
E beijinhos á franceza.

X

De parvo agora me julgas  
Por que eu d'occulta frisa  
Vi tu catares as pulgas  
Já em fralda de camisa.


XI

Meninas do meu torrão,  
Patriotinhas d'escacha!  
Patriotas todas são  
... Com algodão e borracha.

XII

Aquella forte trigueira  
Vae perdendo o bello aspecto,  
Por levar a noite inteira  
Contando as táboas do tecto!...



 GOMES LEAL

(NA MOCIDADE)

Gomes Leal conquistou um papel saliente na poesia moderna com o seu livro *Claridades do Sul*, a par de Guerra Junqueiro e Candido de Figueiredo; o cantar d'elles escalavra os cancos sociaes e põe a descoberto a gangrena em que se esphacela o mundo velho.

A poesia da revolução democratica não póde ser outra coisa porque é aquillo mesmo a sua aspiração: destruir o injusto, sarar as longas feridas dos falsos principios.

A revolução que se opera é essencialmente philosophica; antes que proceda, dá razão de si.

LUIZ MASCARENHAS.



GOMES LEAL

(NA VELHICE)

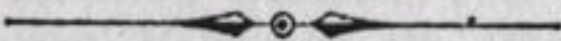
Erguendo até á luz dos seus imperios  
Montanhas de prazer e de tormento,  
Galgando as nuvens grís do firmamento  
Como um phantasma branco dos mysterios...

Cyclopico gigante dos sidereos  
E altivos ideaes do pensamento,  
Relembra o seu bramir a voz do vento  
Em noites de luar nos cemiterios...

Poeta! imprime sempre á doce falla  
O genio portentoso, universal,  
Que as almas e que os mundos avassálla!

E canta o povo nú de Portugal:  
Que a tua lyra rutilante eguala  
A musa de Junqueiro e de Quental!

MARCOS ALGARVE.

  
O descalabro da litteratura portugueza é apenas a continuação da voragem vergonhosa que absorve a politica e a mocidade do nosso paiz.

MARCOS ALGARVE.



# JOÃO DE DEUS

(EM 1876)

Ninguém melhor do que elle nasceu para aquelles tempos simples e limpidos dos frescos idyllios de Virgilio em que a Ode tinha um culto, e em que os poetas se coroavam de rosas.

Elle anda asphixiado, triste, abatido n'esta nossa vida moderna toda de calculos e systemas, em que a politica trata de nos illudir, o commercio de nos arruinar e o tabaco de nos lévar á cova.

João de Deus é baixo, d'uma pallidez do homem dado ás contemplações interiores, do sabio e do mystico, nariz regular e perfeito, barba preta, hoje não muito crescida, e nos labios um sorriso triste e espirituoso.

E' uma alma superior, e um espirito d'umas delicadezas até ao excesso.

GOMES LEAL.

---

## A Caminho da Luz

---



XCLAMEMOS festivamente: Luz! Quem sabe se essas opacidades se tornarão diaphanas! Não são as revoluções transfigurações?

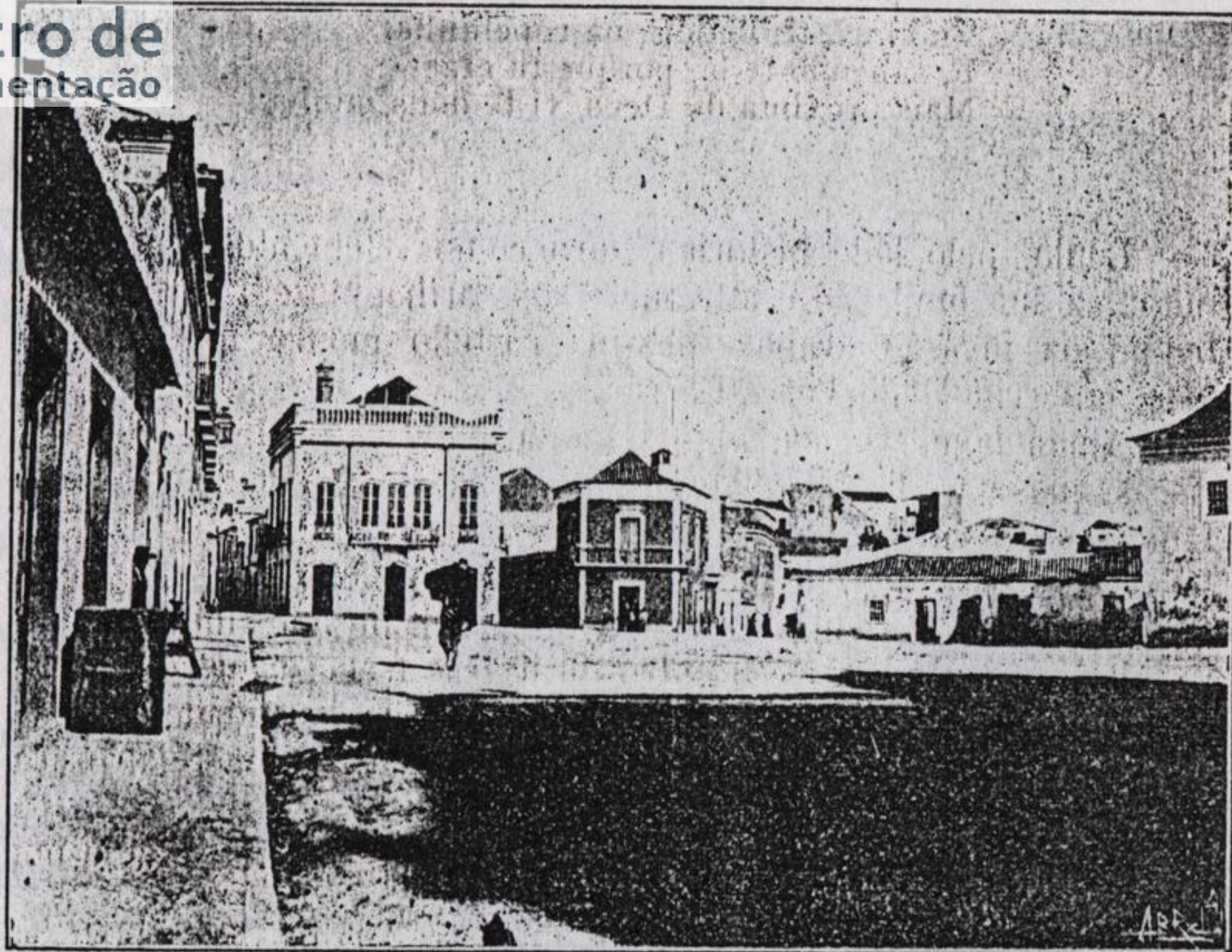
Philosophos, a caminho, ensinae, esclarecei, illuminae, pensae e fallae bem alto, correi contentes para o grande sol, fraternisae com as praças publicas, annunciae as descobertas uteis, prodigalisae os alphabetos, fazei conhecer os direitos, cantae as *marselhezas*; implantae os enthusiasmos, arrancae ramos verdes aos carvalhos. Transformae a Idéa em turbilhão. Saibamos servir-nos ao vivo fogo dos principios e das virtudes, que crepita, scintilla, e estremece em certas horas.

Esses pés descalços, esses braços nús, esses farrapos, essas ignorancias, essas abjecções e essas trevas, podem empregar-se na conquista do Ideal.

Se olhardes através do povo, descobrireis a verdade. Essa areia vil que os nossos pés calcam, se a lançardes na fornalha, deixando-a fundir e ferver, tornar-se-ha em brilhante crystal, e é, graças a ella, que Gallileu e Newton descobriram os astros.

VICTOR HUGO.





LARGO DE S. FRANCISCO

**A**

VILLA de Loulé é hoje uma das mais ricas e pittorescas terras do Algarve.

Cercada de hortas e pomares, com águas finas e abundantes, tem pontos de vista deliciosos, como a Senhora da Piedade e outros.

Foi da vetusta ermida da Senhora da Piedade que o maviosíssimo lyrico Fausto Guedes Teixeira exclamou:

*Avè, Maria, cheia de graça . . .*

Lembrou-me agora, minha Triste, o dia  
Em que, no Algarve, a nossa mocidade  
Nos levou monte acima, em romaria  
A' Santíssima Virgem da Piedade.

Um cypreste na crua claridade  
Do adro, accentuava a sombra esguia;  
E o que era então em nós só anciedade,  
Foi para nós, depois, só alegria,



Os olhos na paisagem deslumbrante,  
O nosso lar, o filho qu'inda esperas,  
Tudo n'essa hora nos passou diante...

Tu entraste, depois, na capellinha,  
E, sabendo-te lá, porque tu eras  
Mais proxima de Deus, vi-te mais minha.

Loulé, pelo lado historico, fornece-nos elementos dignos de estudo: a sua fundação é attribuida aos carthaginezes, existindo já no tempo da invasão arabe; possuia castello mouro que foi tomado pelo aguerrido Paio Peres Corrêa.

Ainda hoje são contadas a muita gente as poeticas lendas mouriscas que a tradição colligiu envoltas na alva roupagem dos encantamentos passados.

A igreja matriz é muito antiga, tendo Loulé possuido outr'ora quatro conventos: um de franciscanos, um de agostinhos descalços, um de frades piedosos e o outro de freiras franciscanas.

Compõe-se Loulé de duas freguezias da localidade e seis das aldeias proximas, o que faz d'esta villa a mais commercial praça algarvia.

As feiras e mercado que ali se realisam são de grande importancia.

Diogo Lobo Pereira, natural de Loulé e esforçado cavalleiro da ordem de Christo, foi em 1693 encarregado pelo governo de examinar as minas de cobre dos arrabaldes da sua terra, dirigindo esses trabalhos com o mais louvavel zelo e economia.

As armas de Loulé são um escudo em branco; e no seculo xviii teve quartel d'um regimento de dragões.

A iluminação publica foi devida á camara presidida pelo sr. José Caetano Benevides.

Em 1692 uma violentissima tempestade destruiu casas e ruas, e matou 17 pessoas; tambem soffreu muito esta povoação com o terramoto de 1755, que derrocou mais de 200 casas e um dos conventos.

O relatorio do governador civil de Faro, relativo ao anno de 1872, calculava o rendimento das contribuições municipaes, para 1873, em 19:509\$159 réis. Por aqui se conhece que a sua importancia local supplantava a das mais terras da mesma provincia, destacando-se apenas a cidade de Silves, que no mesmo anno calculava as suas receitas em 19:644\$181 réis.

E a superficie cultivada de Loulé no referido anno de 1872 era de 36:500 hectares, e a inculta de 45:740.

Será ocioso dizer que Loulé d'então para cá tem tomado um desenvolvimento enorme, sendo actualmente o mais populoso concelho algarvio e a sua comarca a mais rendosa de todo o sul de Lisboa,



este que dá logar a haver sempre uma chusma de pretendentes para os respectivos logares... No mesmo relatório districtal a que acima nos referimos vemos que o valor das produções agrícolas n'aquelle anno em Loulé foi de 101.285.510 réis, quantia assás significativa e promettedora.

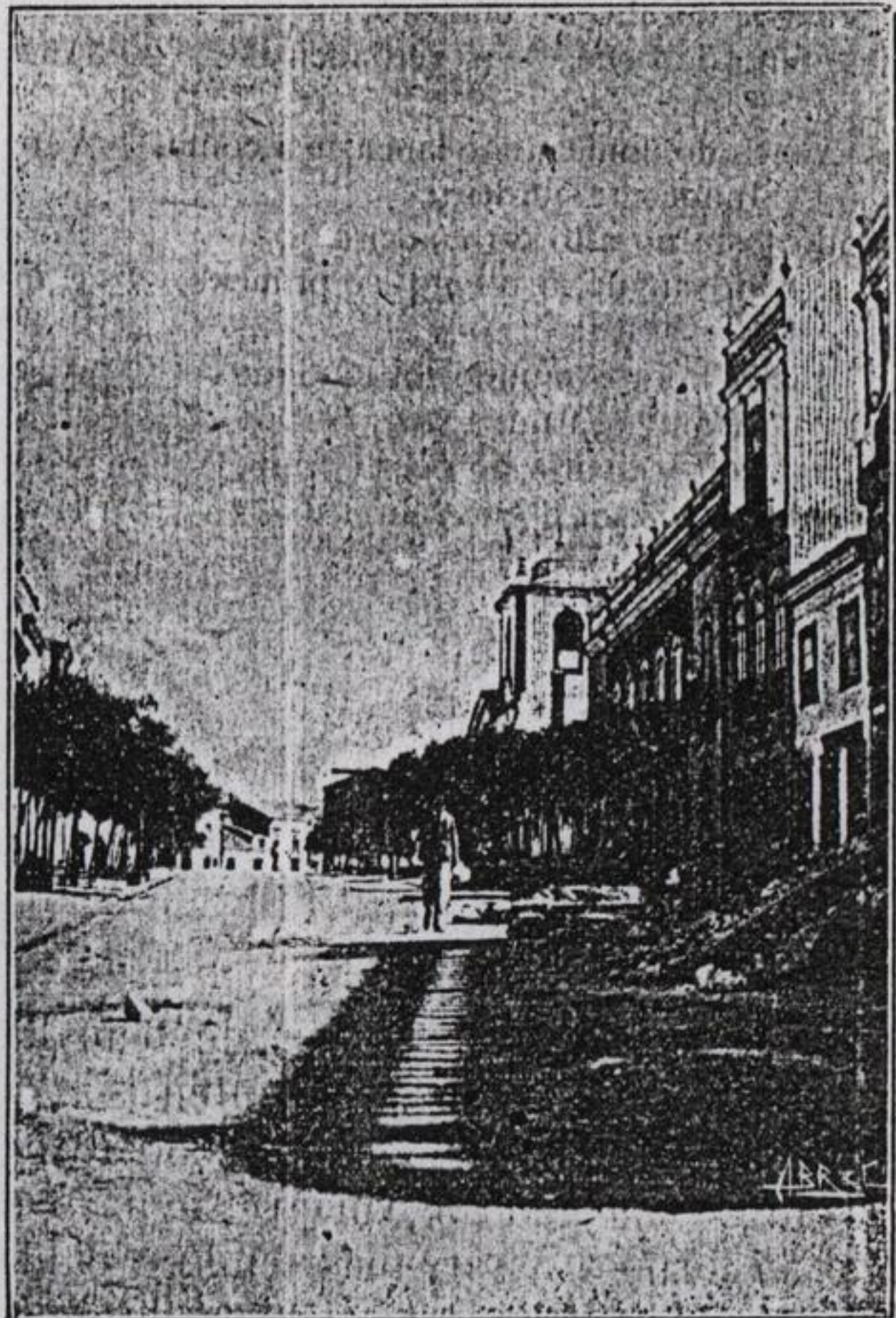
A sua industria, que ha annos quasi se concentrava em algumas fabricas de louça e de cortumes, está hoje extraordinariamente desenvolvida, alongando-se a muitas outras manifestações da actividade moderna.

O caminho de ferro, não obstante a lamentavel distancia a que está a estação correspondente, tem tambem ajudado a convergir para a grande localidade interior um quotidiano movimento de viajantes.

Emfim, para evitarmos divagações e delongas: o povo de Loulé é o que ainda presentemente ostenta um cunho de virilidade perante a degenerescente decadencia portugueza.

Gente forte, de animo bellicoso, naturalmente propensa a exercicios physicos, exaltada e sincera, *não deixando fazer ninho por detraz da orelha*, mantém briosamente os seus creditos antigos — firmados na energia de character e robustez corporea.

De resto, se os velhos marinheiros d'Olhão representam o typo forte e rude que em remotas eras crusava a vastidão do orbe, os filhos de Loulé, resistindo á gangrena da época que tudo corrompe e esterilisa, igualmente representam os memoraveis pelejadores serrenhos, com os quaes o corajoso Remechido obrava prodigios de bravura, por essas plagas alpestres, ao som da mortifera fusilaria inimiga...



PRAÇA





# O REDEMPTOR

Tu morreste por nós na cruz da affronta,  
E o sangue derradeiro  
Derramaste do alto do madeiro,  
Jesus, filho de Deus, Deus verdadeiro!

Aos crimes do homem não lançaste a conta,  
Innocente cordeiro,  
Quando foste no alto do madeiro  
Lavar, com sangue, o ultimo e o primeiro.

E n'aquella hora o mundo foi mudado:  
A antiga, frouxa luz  
Se apagou no calvario ao pé da cruz;  
E agora é novo sol o que reluz.

Por deseguaes direitos affrontosos .  
Para o pobre que lida,  
Que trabalha, que súa pela vida,  
Andava a terra pelos reis regida.

Vãos sabedores, ricos poderosos  
A tinham submettida  
Ao erro torpe que embrutece a vida  
E que apaga a razão n'alma perdida.

Acabaram-se as leis dos reis da terra;  
E esta só lei ficou:  
«O rei que está na cruz nos libertou  
E com seu sangue a todos egualou».

ALMEIDA GARRETT.

## CULINARIA

**Besugo assado** — Depois de bem limpos e escamados estes magnificos peixes, collocam-se inteiros n'uma pingadeira, propria para ir ao forno, sobre rodellas de cebola, deitando-se-lhe por cima um fio d'azeite, e um gole de vinagre, agua, e uma pitada de pimenta moída, indo ao forno a assar, mas tendo o cuidado de os molhar com o molho que deitarem, e de viral-os de quando em quando; em estando assados, servem-se com ramos de salsa crua.

**Ameijoas de fricassé** — Lavam-se as ameijoas muito bem lavadas em diferentes aguas; depois deitam-se n'uma caçarola sem agua, e põem-se ao lume; quando as conchas estiverem abertas, tiram-se d'ellas as ameijoas, e a agua que tiverem deitado passa-se por um panno muito fino para que não passe areia alguma, deita-se novamente na caçarola com alguma manteiga, salsa picada, pimenta, sal, sendo preciso, e deita-se-lhe alguma agua, deixam-se ferver alguns minutos, e quando estiverem para ir para a meza, deitam-se-lhe gemmas d'ovos batidos com summo de limão.

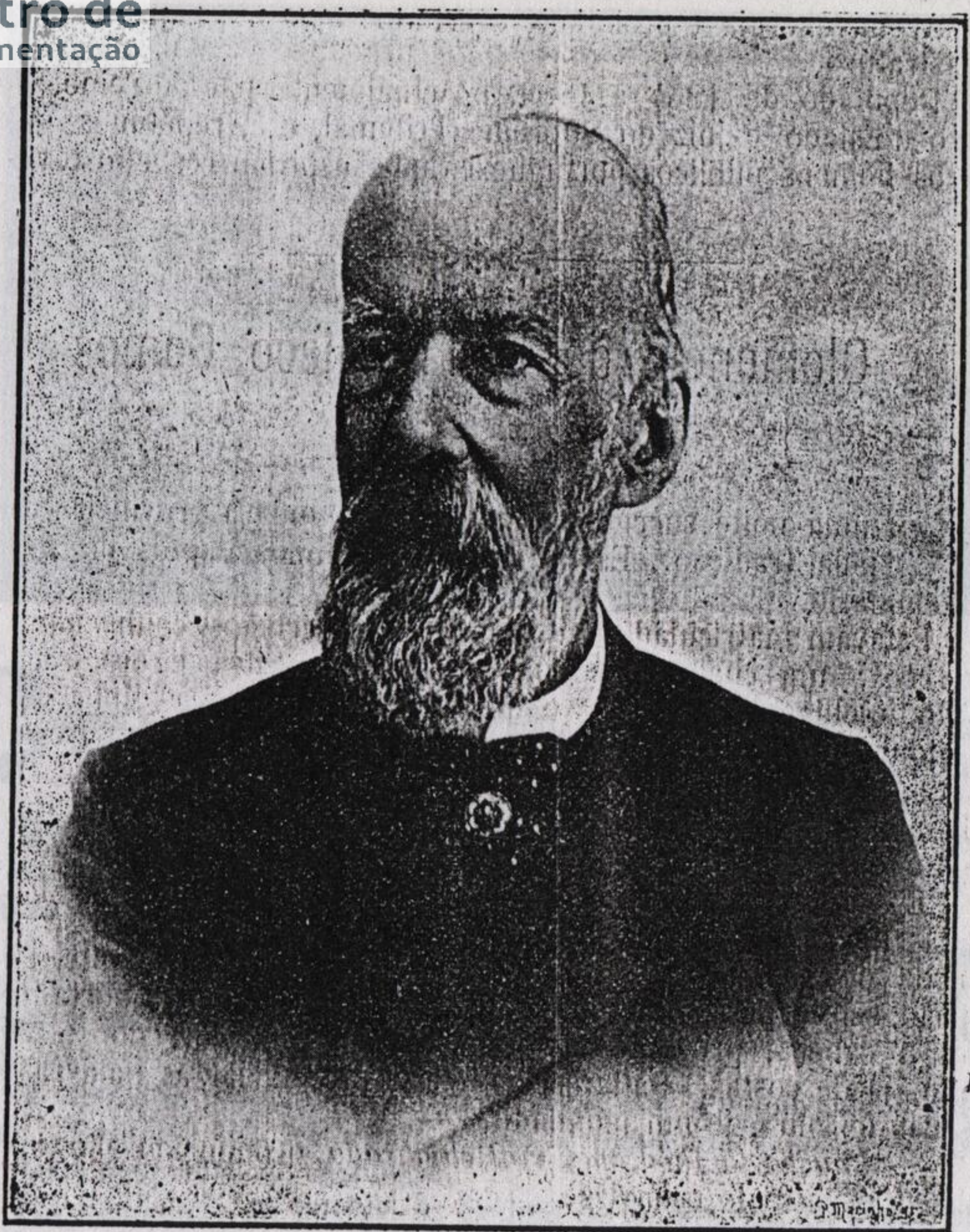
O mesmo se póde fazer ás ôstras, mexilhões e outros mariscos.

**Bife á Chateaubriand** — Corta-se um bife tres ou quatro vezes mais grosso do que de ordinario, e cose-se na grelha com muito cuidado; quanto mais grosso fôr melhor e mais tenro ficará.

AMELIA LOBÃO D'OLIVEIRA.



# Luiz de Bivar



SR. conselheiro Luiz de Bivar Gomes da Costa é um dos poucos homens publicos portuguezes que inspiram respeito e veneração, pela honradez e seriedade que acompanham os seus actos.

Natural de Faro, formou-se em direito em 1851, tendo sido despachado em 1852 delegado do procurador regio em Tavira, onde captou a estima dos tavirenses.



foi depois nomeado juiz para S. Jorge, Póvoa de Mós, Silves, e escoltado para Loulé e pouco depois para Evora, tomando conta d'essas duas ultimas comarcas que jaziam acorrentadas a vergonhosa anarchia, graças á miseravel politica local.

A sua energia e probidade dêram-lhe logo um logar honroso na magistratura.

Deputado de 1864 a 1889, é actualmente par do reino, conselheiro d'Estado e juiz do Supremo Tribunal, e é, repetimos, um dos poucos homens publicos portuguezes que inspiram respeito e veneração.



## Clemencia de D. Francisco Gomes

**E**M uma noite succedeu um caso que toda a provincia conhece pela tradição. Este caso deu-se annos depois da abertura do seminario.

Estavam matriculados no seminario dois irmãos, conhecidos pelos *Farrobos*: um chamava-se João Antonio da Silva e era um rapaz muito inlelligente e sério; o que este tinha de sério tinha o irmão de doido e garoto; aquelle morreu ha poucos annos parochio em Lagos, este morreu ha mais tempo parochio em Odiaxere. Tinha este a mania de andar constantemente a jogar um jogo de rapazes, muito conhecido pelo nome *Chucha la fava, meu real camarada*.

E' muito conhecido este jogo, e aquellas palavras são pronunciadas no momento em que o sujeito salta sobre outro e se lhe escanCHA nos hombros. Em uma noite, estava o estudante no seu quarto, sentiu passos no corredor; abriu mansamente a porta, metteu fóra a cabeça, prolongou os seus olhares pelo corredor e viu um vulto, já de costas. Saltar sobre elle e pronunciar as palavras cabalisticas foi obra de um momento.

— *Chucha la fava, meu real camarada*, pronunciou elle de modo que só o paciente o ouvisse.

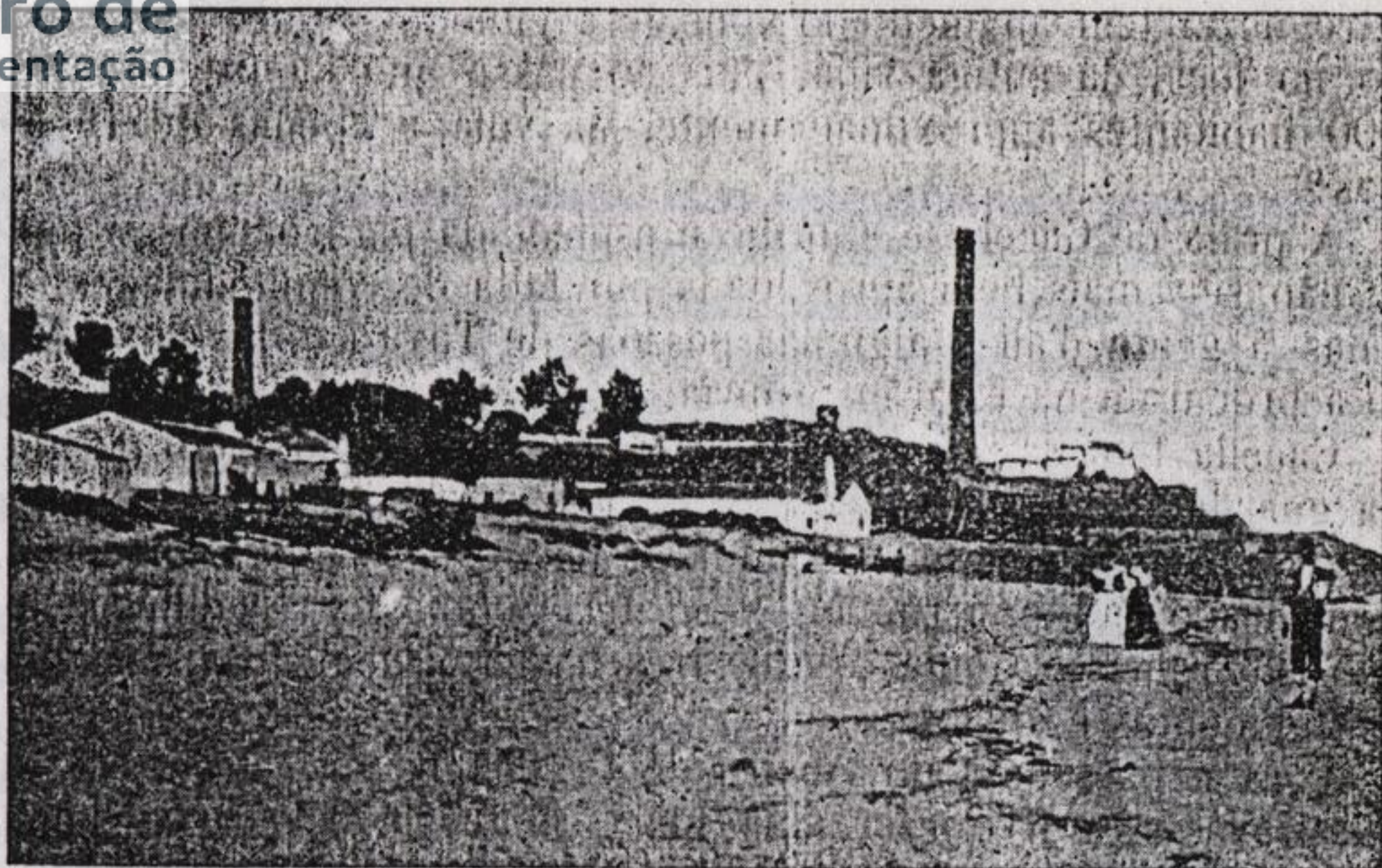
— Pois tambem jogas commigo o *chucha la fava*? perguntou o prelado numas palavras mansas. Assim que o seminarista ouviu a voz do prelado, lançou-se-lhe de joelhos, chorando e pedindo perdão.

— Levanta-te, não chores, estás perdoado; vae para o quarto e não tornes a jogar commigo.

E o estudante assim fez.

(Da *Biographia de D. Francisco Gomes de Avelar*).





**C**ACELLA (do arabe *cacila*, prado, pastagem de gado) é uma freguezia rural e marítima do concelho de Villa Real de Santo Antonio, d'onde dista 10 kilometros approximadamente.

Estende-se 7 a 8 kilometros de norte a sul e 5 de leste a oeste por vastos campos de semear e vasto arvoredos, principalmente figueiras e oliveiras.

A villa, notavel no principio da monarchia e hoje extremamente reduzida, demora junto do mar, achando-se ligada por um ramal de estrada a *macadam* á estrada districtal que vae de Faro a Villa Real e que atravessa a freguezia na direcção leste-oeste.

A fundação da villa perde-se na noite dos tempos, sendo geralmente attribuida aos phenicios, como a maior parte das povoações que ficam proximas do Guadiana.

Foi residencia do mestre da Ordem de S. Thiago, D. Paio Peres Corrêa, por quem foi tomada aos mouros no reinado de D. Sancho II.

De Cacella sahiu elle a vingar-se da celebre traição dos mouros de Tavira, tomando-lhes a povoação, provavelmente em 1838.

El-rei D. Diniz deu-lhe foral de villa em 17 de julho de 1283, conservando-se séde de concelho até ao reinado de D. José, em que foi fundada Villa Real de Santo Antonio, a cujo concelho ficou pertencendo.

O terramoto de 1755 deixou-a quasi totalmente arruinada, vindo augmentar a sua decadencia, que já então se accentuava pela



Invasão constante do mar, a insalubridade do sítio que é principalmente devido á proximidade do ribeiro que tem o seu nome, cujas águas estagnam no verão.

Talvez por causa d'isto, a sua população, que em muitos sitios da freguezia tem augmentado consideravelmente, pouco tem progredido no local da antiga villa, pois ao passo que na freguezia é de 3:000 habitantes approximadamente, na villa é apenas de 18 a 20 fogos!

A praia de Cacella é enorme e esplendida para banhos; pena é que não seja mais bem aproveitada por falta de commodidades, pois apenas a gente d'ali e algumas pessoas de Tavira e do Baixo Alemtejo a procuram na estação propria.

Cacella tem na villa uma antiga fortaleza, actualmente occupada pela guarda fiscal, e onde o Governo mandou ultimamente collocar um farolim para marcar a entrada da barra, e a antiga igreja que, tendo ficado muito arruinada pelo terramoto, foi reedificada pelo bispo D. Francisco Gomes; é de tres naves e magestosa, mas pobre de rendimentos e alfaias.

Para a passagem do ribeiro de Cacella ha na estrada districtal que atravessa a freguezia uma bella ponte de alvenaria, tambem mandada fazer pelo referido bispo, em 1810.

Cacella foi o logar de desembarque do duque da Terceira, conde de Villa Flôr, em 24 de junho de 1833, com uma força de 2:500 homens, a cujo valor se deve a conquista do Algarve dentro de seis dias; e deu o titulo de barão ao brigadeiro Antonio Pedro de Brito, que teve esta mercê por decreto de 29 de setembro de 1755.

Na costa de Cacella pescam diariamente algumas artes de chavega e galeões.

JOSÉ CASTANHO.

---

## O Filho

---

Nasceu emfim. Tão monstruoso veio,  
Tão miseravel, que ficou dormindo...  
Diz alguém, vendo-o morto: era tão feio!  
Soluça a mãe, n'um beijo: era tão lindo!

JULIO DANTAS.

---

O homem sem a mulher seria como a terra sem o sol: — um phantasma sombrio.

MARCOS ALGARVE.



# Domingos Vieira

**D**OMINGOS LEONARDO VIEIRA, esse desequilibrado genial que passou pela vida como um meteóro, deixando apenas de si, como as rosas de Malherbe, a lenda poetica de existir uma só manhã—manhã formosa como o sol e fugitiva como o raio—descendia, pelo lado paterno, do velho capitão Vieira, um marinheiro sólido e valente, oriundo d'uma estimavel familia d'Olhão—os Leonardos.

E de seu pae lhe provinha, sem duvida, aquella liberalidade despreocupada e prodiga que o fazia atirar ás mãos cheias, como cousa inutil e repulsiva, o muito ouro que durante alguns annos possuiu.

Para as almas superiores, cujo sopro vital se consubstancia na immaterialidade ou fogo sagrado a que os homens chamam genio e as mulheres loucura, o ouro é um estorvo feroz e deprimente, adverso ás concepções sublimes do pensamento humano.

Porque eu pertença ao crescente numero dos que não admittem genio n'um homem rico, nem fulgurações intellectuaes n'um burguez pançudo e feliz; o genio e o talento só povoam as mansardas espirituaes dos pobres que trabalham... Os ricos que nós para ahi vemos a vender ao publico ensaios litterarios ou artisticos, elogiados geralmente com soffrivel remuneração, não passam de insipidos manicacos, que Lombroso, o abalisado alienista italiano, denominou de *mattoides*.

Em Domingos Vieira ha que admirar uma personalidã complexa e multiplice, um mixto de revolucionario e conservador, de positivista e de visionario, de sceptico e de crente; nos seus esparsos e incompletos labores mentaes e materiaes nota o investigador paciente e consciante as mais flagrantes antitheses—resaibos estranhos d'um grande cerebro indisciplinado e atormentado pelas ridicularias d'um meio falso e boçal. E por isso, d'elle se póde dizer o que Theophilo Braga disse de Bocage:—era um genio abortado!



Março de 1903.

MARCOS ALGARVE.



## Carta d'um Sceptico

Um povo que não tem a consciencia dos seus direitos, escreveu Castelar, que se não dirige a si mesmo, está sempre preparado para a servidão.

Como não conhece o que é justo, como não confia nas suas forças, como espera tudo d'elementos estranhos ao seu direito, ora dobra a cerviz perante um tyranno, ora escuta, pasmado, a palavra ardente d'um tribuno, e, alheio ao sentimento sublime da sua personalidade, deixa-se arrastar inconscientemente para a ruina.

De modo que toda a questão se reduz, como affirma Ziegler, a uma questão moral, porque, nas diversas graduações da evolução, as condições externas de cada povo revellam dynamicidade parallela e harmonica com as suas condições internas.

\*  
\*   \*  
\*

Os tempos que vão correndo respiram o ar mephitico da decomposição social.

O eclecticismo philosophico fermentou a duvida; e a duvida foi a genése da descrença, que inertisa e envenena, da cobardia, que estagna e humilha, e do odio, que embrutece e congestiona.

Os que sentem n'alma, agora, vibrações d'energia, cambaleiam, logo, com suggestões de suicidio, porque em torno de si floresce o sorrisinho idiota, estulto e cynico, que arrefece todo o fogo d'uma aspiração, todo o enthusiasmo d'uma crença, toda a fé d'um ideal.

Estrallejam, é certo, nos ultimos stratos da sociedade, ruidos que parecem ameaçadores prenuncios de convulsões politicas, symptoma de transformações organicas. O arado que despe o alento aos braços do trabalhador, nas ossadas da terra, ouve-lhe nos labios desmuidos pela fome uns rugidos sêccos de revoltado; e o sangue das machinas não é talvez mais quente que o lume do odio que crepita no coração do proletario.

Mas a cada cerebro que se accende fecha o governo uma escola; a cada arteria que lateja, a cada coração que se agita aponta o governo a bayoneta d'um guarda municipal: o cerebro apaga-se, o coração contráe-se (1).

---

(1) O Estado, durante o periodo de 10 annos, que decorre de 1880-1890, gastou pelo ministerio do reino, com a instrucção primaria, 733:474\$000 réis, emquanto que com os dois corpos da guarda municipal, Lisboa e Porto, o mesmo ministerio do reino dispendeu 2.447:484\$000 ou **MAIS** réis 1.714:020\$000.



Os partidos politicos não pleiteam programmas, não debatem principios, não definem ideias, não symbolisam systemas, não representam escolas; são guerrilhas de gananciosos n'uma desvairada concorrência vital trucidando o misero Prometheu que a immoralidade dos seus processos narcotizou.

Os da opposição assemelham-se muito aos dentistas de feira, apregoando elixires maravilhosos, infalliveis para curar a tysica das finanças, os desperdicios das obras publicas, o favoritismo do reino, a nevropathia da guerra, o patronismo dos estrangeiros, as ineptias da marinha e a myopia da justiça. Se teem a palavra vulcanica de Marat, a dialectica ardente de Mazzini, teem o coração syphilitico do Judas; a sinceridade e a abnegação das suas affirmações democraticas são um tanto comparaveis ao amor com que a rameira descarada chama, á luz do dia, o saloio que passa, para lhe matar a fome. Cynicos!

Os do governo teem delirios de politica reaccionaria, mania de despotismo. O pacto do povo, vencedor no primeiro quartel do seculo, concedido á realeza cadente querem elles rasgal-o audaciosamente, não com o fim de substituil-o por um diploma politico coherente com as exigencias da chamada civilisação hodierna, mas para eliminarem o que ahí ha de democratico, de liberal, de moderno.

Por um monstruoso atavismo preconisam essas épocas em que a corôa dos reis se julgava suspensa da mão de Deus e em que a servidão dos povos era, ou um phenomeno natural, ou uma necessidade social consequente da desigualdade humana; e buscam no cemiterio da historia o cadaver do absolutismo para lhe dar vida, para resuscital-o, como se não fosse necessario a tal empreza destruir no planeta a physionomia do seculo presente.

E' isto: em cima, Judas tem no cerebro allucinações de crime, em baixo, Tartufo tem vertigens de charlatanismo messianico.

Quando se hostilisam são regateiras que fazem córar o Cynismo; quando se reconciliam são bandidos que fazem estarrecer os povos.

E' certo: os tempos que vão correndo respiram o ar mephitico da decomposição social.

\*

\* \*

Os grandes imperios teem sido victimados pela dissolução logo que a immoralidade lhes corrompe os organismos; as pequenas nacionalidades, quando assumem identico estado pathologico, cedem mais depressa porque são organismos mais fracos.

Roma caiu dissoluta, obscena, desvairada, nos braços herculeos dos barbaros do norte; mas das ruinas do grande imperio levantou-se uma columna luminosa — o christianismo.

Portugal ha de terminar, talvez, a sua funcção historica em mãos d'ávida judiaria, como cavallo estafado em tourada hespanhola, le-



gando do seu nome, ás nações, o clemente despozo, a recordação  
amarga de miseravel suicida.

São Brás de Alportel  
Lula-se de revolução...

Quem é que sai para a rua decidido a armar uma barri-  
cada, prompto a arriscar a vida, valoroso para expôr o peito, teme-  
rario para derramar o sangue?

Quem? O povo? A politica profissional?

O povo, não...

Pelo paiz fóra despovoam-se os casaes e emmudecem os lares.

Espectraes como cyprestes, ha povoações que parecem ermos,  
campos que se afiguram desertos, casas que lembram covaes.

A' hora do crepusculo, pela estrada, pela vereda do matto, pelo  
atalho da charneca, dos trabalhadores, que passam, poucos são rapa-  
zes, alegres como rouxinoes, perennes de mocidade e amor: abunda  
o velho de cesto no braço e d' enxada ao hombro, cansado, mal po-  
dendo arrastar-se.

E ha no seu olhar a sombra d'uma dôr, nas suas faces as nava-  
lhadas do desgosto e nos seus labios uns psalmos de saudade. Sau-  
dades d'um filho, d'um irmão, d'um amigo, talvez de todos os filhos,  
irmãos e amigos, que o engajador attrahiu á romaria dos desgraça-  
dos que a miseria leva para o Brasil.

Porque os que emigram levam no espirito uns pavores de morte;  
vão de cabeça baixa, como o condemnado, quando elles são os quei-  
xosos da sociedade madrasta, vão, á tona do acaso, para não caírem  
um dia, na velhice, ahí no meio da rua, repellentes e famintos, como  
o cão vadio que o beleguim municipal envenena.

E se alguém lhes disser, á hora da partida, no momento da des-  
esperação, que, morrer por morrer, mais nobre é cair, aqui, á porta  
da nossa casa, varado por uma bala, do que no Brasil com a febre  
amarella, elles voltam timidamente, cobardemente, o olhar em redor,  
com medo d'um policia...

Ora, o povo que não tem a consciencia dos seus direitos, escre-  
veu Castelar, que se não dirige a si mesmo, está sempre preparado  
para a servidão.

CARLOS FUZZETA.



A natureza não produz uma classe de capitalistas e outra de proleta-  
tarios; é a organização da sociedade que estabelece as desigualdades.

KARL MARX.



E' necessario odiar igualmente o despotismo que perpetúa a ignoran-  
rancia e a ignorancia que perpetúa o despotismo.

TURGOT.



# JOSÉ CASTANHO

JOSÉ RIBEIRO CASTANHO é um rapaz novo, cheio de vida e inteligência. Formando-se em direito ha dois annos, foi em 1902 nomeado delegado do procurador régio em Olhão, onde fixou residencia.

N'esta comarca, terá por vezes de se defrontar com advogados de grandes recursos intellectuaes, como são o conego Nogueira, o Carlos Fuzzeta, o João Lucio e outros, e estamos certos que sahirá sempre airosamente de todas as pelejas profissionaes.

Para os leitores do *Almanach do Algarve*, este nome não pôde ser desconhecido, porque figurou, com o de quem estas rapidas notas traceja, como seu dirigente.

O nosso amigo e companheiro nos labores litterarios, é uma alma de poeta, simples, franca e affavel, predicados esses que pouco se vão encontrando na mocidade vinda das escolas, mocidade enfaçada e inutil na sua maioria, que despede olhares superiores sobre as pobres cabeças do vulgo, como se a

pasta sobraçada representasse scentelhas de genio. Esta crassa e infundada superioridade já deu aso a um poeta popular dizer:

Ha de burros mais d'um cento  
Com o titulo de doutores...



Mas felizmente José Castanho nada tem que vêr com taes pedantes, porque a sua modestia sociavel e o seu talento discreto mar-



com-me um logar affectuosissimo na estima dos homens honestos e sinceros.

D José Castanho é natural de Cacella e tem collaborado com provas e versos apreciaveis na *Revista de Coimbra*, *Resistencia*, *Pimpão*, *Heraldo*; e dirigiu com Antonio Santos (Chryso) *O Reyno do Algarve*, semanario de critica.

Tem inédito um livro de lyricas — *Sonho d' Amor*.

Para accentuarmos bem o quanto vale a excellencia do seu espirito, diremos que, alimentando nós ideaes absolutamente oppostos, em arte, em politica e em religião, conseguimos uma transigencia mutua e digna para a realisação da iniciativa regionalmente patriotica — a publicação do *Almanach do Algarve*.

E' que nós tambem podiamos murmurar como João de Lemos, o olvidado cantor da *Lua de Londres*:

Duas almas assim sempre se entendem.  
Pendem ambas d'instincto a confundir-se.

Agosto de 903.

M. A.

---

## NO CONGO

---



LINDA manhã!

Sob o sol, já de fogo, toda a verde paisagem sussurrava e pela escada da casa dos Bettencourt, subia e descia, sob os amplos chapéus de palha, a clientella dos pahuinos e das pahuinas falando; e se o aspecto d'essa capital exotica me surpreendeu, o aspecto dos naturaes não me surpreendeu menos, porque como ella, eram coisas novas para mim.

Esses negros tinham já não sei que ar de independencia e de intelligencia, que eu até então não me acostumára a vêr nos seus irmãos da colonia portugueza do sul. O seu falar, o seu andar, mesmo até certo ponto o seu trajar, eram differentes e como que nos falavam já de uma civilisação negra, incipiente.

Na varanda, esperando a hora do almoço, acerquei-me de alguns.

Mal fizeram reparo em mim e se alguns me notaram foi para rir da minha evidente curiosidade.

Penetrei no armazem e confundi-me com a turba que se atropellava ao balcão.



Enquanto os observava, um d'elles aproximou-se com um cigarro regularmente entalado entre os dedos e, sem me saudar, com uma familiaridade que me desconcertou: — *Veux tu me donner ton feu?* Em silencio passei-lhe o meu cigarro, a que elle acendeu o seu, dizendo-me depois simplesmente — *Merci!* e voltando-me costas. Como apanhasse alli a geito o capitão, que já tinha esse ar de não saber que fazer, tão proprio dos embarcadiços em terra, expandi o meu pasmo e a minha indignação.

Elle encolheu os hombros. Disse :

— Que quer? Os francezes teem a mania de os civilisar!

E contou-me que enquanto se encontravam em Angola, os negros da sua tripulação eram inteiramente submissos, mas que, mal chegados ao Congo, «levantavam a cabeça».

Eram os costumes! Eram as proprias leis dando aos naturaes tantas ou mais vastas garantias do que aos brancos.

Precisamente, João Bettencourt, que intervieria, referiu que um negociante francez se encontrava n'aquelle momento preso, por haver dado uma bofetada n'um indigena.

Enquanto conversavamos, acercaram-se outros negros e todos se nos dirigiam com a mesma desenvoltura, tratando-nos por tu e parecendo zombar lindamente de nós, o que fazia dizer a João Bettencourt :

— Estes, aqui, estão em sua casa!

O que estes costumes surprehendem só o póde comprehender quem, como eu, vinha de assistir ao espectaculo da servidão negra nas colonias portuguezas e já se familiarisára com o preconceito da superioridade da raça branca, reconhecida nas fórmulas de uma authentica escravidão.

Como se toleraria no regimen da nossa dominação que os negros se conduzissem com similhante desenvoltura nas suas relações com-nosco?

Onde estava o negro angolense que ousasse acercar-se de um individuo da raça branca com tão completa familiaridade?

Onde o que levasse a sua audacia a tratar por tu o ultimo dos brancos da terra portugueza?

E por muito que eu admire a França e a sua civilisação, o meu orgulho humilhado no meio d'essa infecta negralhada que quasi me maltratava, não póde deixar de reivindicar para o espirito dominador da raça portugueza uma immensa superioridade.

Era este sentimento que me fazia reflectir, sempre que um d'esses pahuinos me abordava para me pedir lume tratando-me por tu :

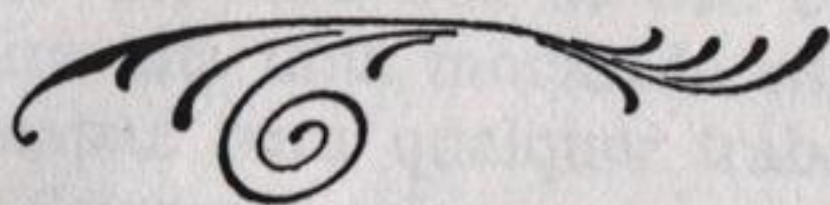
— Ah! se eu te apanhasse em Loanda?

E' que em Loanda elle não me pediria lume, e se m'o pedisse tratando-me por tu, eu teria o direito de o mandar de presente ao diabo, sob uma alluvião de pontapés.



Tudo, no fim de contas, preconceitos, porque se o negro pahuino nos trata por tu não é mais impertinente do que o arabe, que nas suas relações com os individuos de todas as raças, não usa outro tratamento.

JOÃO CHAGAS.



## LIBERDADE!

EMQUANTO o mundo proseguir a sua viagem methodica, em volta do grande astro incandescente, emquanto o mundo existir, ha de haver mulheres que o poetisem pela sublimidade do seu espirito, e que o enlameiem com a abjecção dos seus vicios; ha de viver o anjo, agonisar o demonio e vegetar a fêmea — esse meio termo collocado entre o Bem e o Mal, entre o Céu e o Inferno.

Onde se vê uma mulher, adivinha-se todo um poema de lagrimas, presente-se a grandeza da epopeia ou a desordem bacchica do dithyrambo. A mulher, em tudo, — no vicio como na virtude sorrindo ao primeiro vagido da criança e envenenando o ultimo suspiro do homem; a suprema consoladora do desgraçado, ou a derradeira gotta de fêl no seu calice de amarguras.

A existencia do homem anda ligada aos bons e aos maus instinctos da mulher; é ella que o governa, que o domina e até que o escravisa — *Cherchez la femme*, dizem os francezes.

Nos grandes commettimentos, como nas grandes degradações — *Cherchez la femme*. O feminino: — eis a vida e a morte. O feminino: — eis tudo!

Infelizmente, em a nossa desordenada sociedade, sobram os demonios e abundam as fêmeas. A mulher — esse ente meio empyrico, meio terrestre — é quasi um milagre e o pasmo das multidões.

De onde parte essa onda desmoralisadora, que ameaça submeter a sociedade? Qual foi o Genesis de Rigolboche?

— A mulher — dirão muitos.

— A Ignorancia — responderá a minoria sensata e judiciousa.

A depravação não se atreve a invadir a casa da mulher illustrada.

(Um trecho da *Emancipação Feminina*).

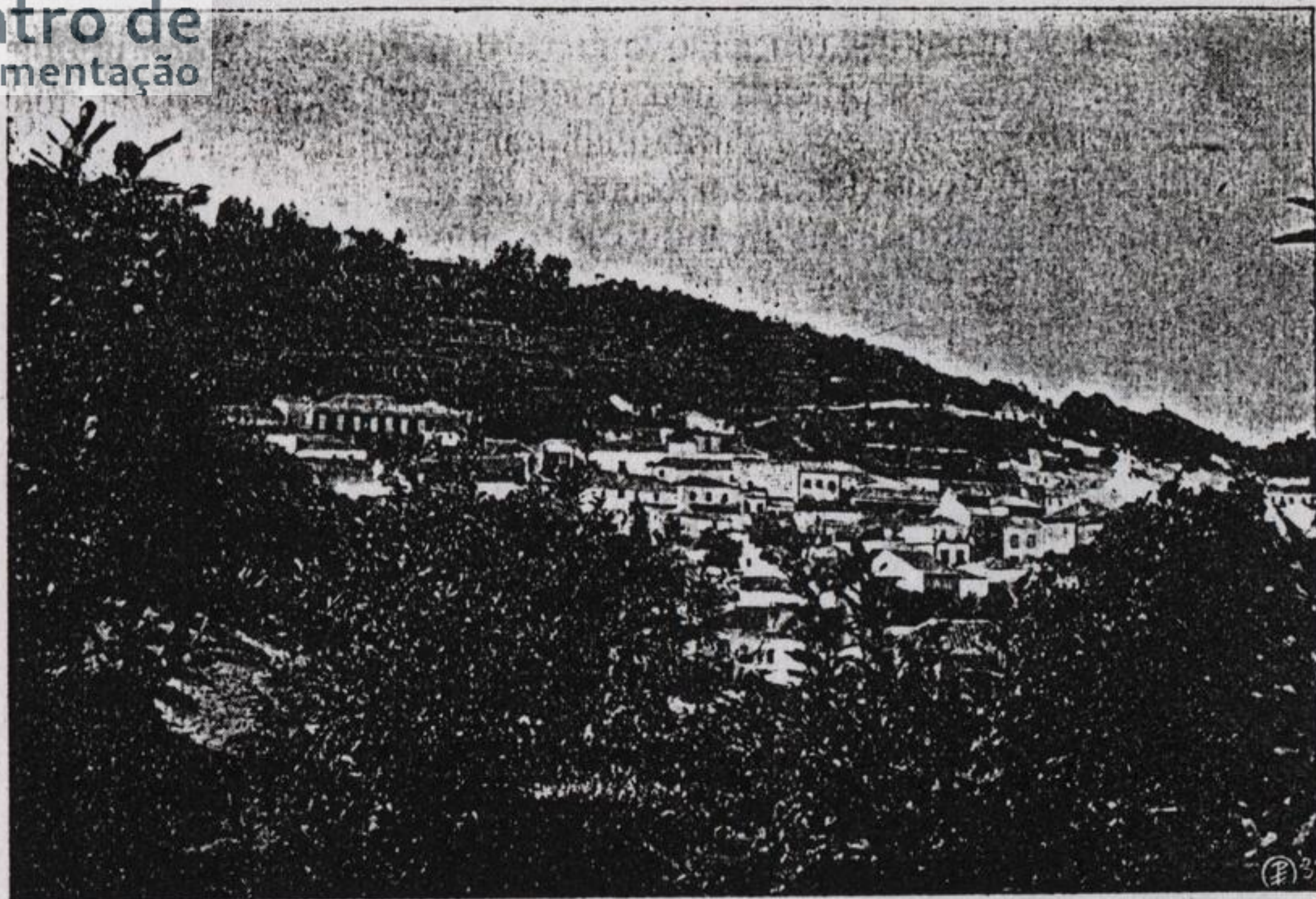
MARIA VELLEDA.

A existencia de senhores é tão absurda como a existencia de escravos.

MARÇOS ALGARVE.



# MONCHIQUE



**A** VILLA de Monchique é uma opulenta granja encravada em tu-  
fos de verdura que as frescas aguas dos arrosos fecundam  
na caricia dos seus beijos; tem como sentinellas as duas al-  
tas serras que a vigiam — a Foia a O. e a Picota a E.; e para mais  
realçar os seus adornos naturaes, encontra o visitante frondosas ar-  
vores cultivadas, taes como castanheiros, nogueiras, laranjeiras, pe-  
reiras e muitas outras arvores de fructos apreciados.

A quem pela primeira vez visite o Algarve, impõe-se necessaria-  
mente uma visita a Monchique e seus arredores, como nota typica e  
generica das ignoradas bellezas que este mimoso retalho da patria oc-  
culto no seu decote.

E o ar puro e claro que por alli se respira, misturado com a  
suave fragancia das plantas odoriferas que as ferteis serras alimentam,  
é do mais infeliz mortal rejuvenescer e regressar aos paraizos da ven-  
tura terrena e unica...



Os que bem servem a sua Patria, dispensam antepassados.

VOLTAIRE.



# Contra a degenerescencia

—ME contar-lhes um caso que se deu com uma das minhas amigas. Atravessára ella uma mocidade enfraquecida pela anemia, que a tornava incapaz para qualquer trabalho. Casou, e teve uma filha, que lhe não deixaram criar.

Teimava em conservar o pouco leite que tinha, passando noites em sobresalto, ouvindo no quarto, ao lado, os vagidos da criança, sempre em ancias e sustos.

Ora uma noite, a criança chorou mais, a ama adormecida pesadamente, não respondeu aos appellos da mãe, esta levantou-se de manso, foi tirar a filhinha ao berço, acalentou-a, aqueceu-a, deu-lhe o peito e... viu-a adormecer socegradamente.

Que enlêvo, que orgulho, que alegria a d'essa mãe que retomava emfim a sua filha, que a fazia sua, que encontrava força bastante no seu pobre organismo enfraquecido para dar uma segunda vez a vida á filha do seu coração!

Ainda outro, de uma pobre mulher que tinha uma d'essas incapacidades physicas que desculpam a mãe, tinha o que se chama *os peitos rasos*. Pois apesar d'isso, por que era pobre e não se podia valer d'essa desculpa, porque teve muita força de vontade e não podia vêr os filhos com fome, criou sete.

Dão muito trabalho, muitos incommodos, é certo, mas quantos mais não dará a criação d'um sêr doente e enfesado?!

Todos os sacrificios e trabalhos nos pagam bem pagos pelo orgulho legitimo com que chegamos os nossos filhos ao peito e pensamos que elles nos pertencem duplamente — pelo sangue e pelo leite — *pelo sangue vermelho e pelo sangue branco*, no dizer d'um intelligente medico do meu conhecimento.

(Do *As mães devem amamentar seus filhos*).

ANNA DE CASTRO OSORIO.



Sinto tão grande nojo pelas mulheres romanticas como pelos homens pretenciosos. Umas e outros são o producto da fatuidade do falso meio que os gerou.

MARCOS ALGARYE.

A criança é curiosa? melhor! A illustração e o amor ao estudo não são mais do que a curiosidade bem dirigida.

ANNA DE CASTRO OSORIO.



## Frederico Ramires

ASCEU o sr. Frederico Alexandrino Ramires em Villa Real de Santo Antonio a 26 de Novembro de 1869.

Com a idade de 22 annos incompletos concluiu o curso d'engenharia civil; frequentando tambem as cadeiras militares da Escóla do Exercito, obteve direito ao officialato d'engenharia de reserva.

Em 1891, logo após a sua formatura, o circulo eleitoral do Guadiana elegeu-o deputado, enfileirando-se no partido progressista, onde conta muitos amigos e sympathias.

Como politico, porém, faz o que quasi todos fazem: chega a braza á sua sardinha...



## Maria Velleda

ONOME d'esta distincta escriptora não vive apenas na memoria algida dos litteratos. O seu nome está tambem gravado nos candidos corações das crianças, tendo operado este *suave milagre* as lindas e carinhosas paginas dos seus livros de contos infantis, tão adoravelmente repassados de ternura maternal pelos pequeninos. Ora, transitar da litteratura, que no nosso paiz é um campo de irritantes snobismos, para a calma placidez dos corações das criancinhas, conquistando-lhes o desinteressado affecto e a respeitosa admiração pelo talento e pela ternura, é incontestavelmente o mais bello triumpho a que póde aspirar uma escriptora que não seja uma *blas bleu*.

Mas a obra de Maria Velleda não se resume só aos seus formosissimos contos infantis, onde tão flagrantemente se revela a sua bella alma de mulher e de educadora. Tratando brilhantemente os mais complicados assumptos, inclusivè alguns que representam altos



problemas de sociologia moderna, ella tem prodigamente espalhado o seu precioso talento por mil revistas e jornaes, sendo sem favor considerada, por todas estas manifestações da sua intellectualidade, uma das nossas primeiras escriptoras.

Maria Velleda é uma grande romantica e tambem uma grande revoltada. E' mesmo sob estes dois particulares aspectos moraes que o psychologo deve analysar mais detidamente a complexa idiosyncracia d'esta escriptora. Como romantica, ella tem paginas d'um extranho e empolgante sentimento, que fazem lembrar as mais commovedoras e apaixonadas paginas de George Sand; como revoltada, tem-as d'uma torturante e esphingenal ironia, em que a sua boa e carinhosa alma parece transfigurar se, tornando o *rictus* convulsivo e amargo e o gesto desgrenhado das antigas pythonisas, quando pronunciavam altivamente as suas terriveis palavras propheticas. Mas esta satanica e impiedosa ironia — isto está provado — não é senão um desabafo a que, nas grandes crises de dôr, as almas superiores recorrem, á falta de lagrimas...

Maria Velleda é filha d'esta nossa linda provincia que ama de todo o coração, mas da qual vive bem distante, infelizmente. E é lá longe, do seu sombrio exilio, que ella recorda tristemente este incomparavel céu do Algarve e este nosso soluçante mar, que saudosamente beija as luarisadas ruinas dos velhos castellos mouriscos, phantasticamente erguidos nas nossas mysteriosas praias d'Oiro...

BERNARDO DE PASSOS.

---

## O Poeta Cavador

(A THOMAZ DA FONSECA)

---

Quando sibilar o vento  
Por entre as veigas em flôr,  
Dedica, vate, um lamento  
Ao poeta cavador.

Aos pobres filhos sem pão  
— Tenros arbustos d'um seio ! —  
Dá-lhes o teu coração  
Contra o nosso enfermo meio.

Transforma-lhe em alvorada  
O seu poema de dôres ;  
Beija-lhe a terra sagrada,  
Cobre-lhe a campa de flôres !

(Do livro — *Canções d'Alguem*).

MARCOS ALGARVE.



*Penumbbras* — por Angelo Jorge. — Mais um livro d'este moço litterato, editado pela casa portuense de José Figueirinhas, appareceu ha pouco.

E' um livro de versos tristes, profundamente sombrios e doridos. Angelo Jorge, que é um delicado rapaz, muito activo e intelligente, teima em seguir, apesar dos nossos conselhos de amigo mais velho e experimentado nas tempestades sociaes, a lacrimosa esteira trilhada por Antonio Nobre, Guedes Teixeira, Lopes Vieira e Corrêa d'Oliveira; cremos mesmo que é um grande admirador do requintado pessimismo de Julio Dantas, se attendermos aos versos d'este poeta que, á guisa de lemma, elle gravou á entrada do *Penumbbras*.

E não virá longe, infelizmente, quem, contra a nova e forte corrente da época, quer secundar as estafadas lamentações de Jeremias e os anachronicos amores de Petrarcha.

Repare bem, Angelo Jorge:

O tempo presente, veloz e convulsionado, é assás contrario aos Petrarchas e ás Lauras de Nemis... Chegamos a um periodo revolucionario de trabalho positivo, sem chimeras nem illusões, em que a Verdade e a Razão começam a dar alentos aos famintos e desherdados; e a Sciencia e Arte, unidas também pelos liames da evolução progressiva, marcham necessariamente na vanguarda do aperfeiçoamento humano.

Um desgosto amoroso, uma affeição mal correspondida, uma inclinação insensata da juventude, são, acaso, motivos plausiveis para um poeta se deixar empolgar pelo tédio e pela dôr?

Não; um poeta é um homem, na verdade digno de taes nomes, não se rebaixa aos caprichos d'uma donzella voluvel e frivola, nem atira imprecações tão impias a Deus e á Mãe, embora n'uma noite de febre, nem diz esta blasphemia rimada:



Angelo Jorge

Maldita seja a vida, irmã da Dôr !  
Bemdito seja o suicidio irmão !  
Um fim a tudo isto elle ha de um dia pôr !  
Trazer a paz ao meu chagado coração !

Quando qualquer poeta tem taes desvairamentos d'inspiração, não escreve, não produz; passeia e deixa simplesmente os nervos sobreexcitados repousarem na contemplação da Natureza serena e muda...

O *Penumbbras*, pondo de parte os defeitos que vimos citando, tem paginas adoraveis, banhadas d'um amor honesto e santo. Tem bellezas d'estas:

Filhos, amae vossas mães  
Com amor terno, profundo,  
Que uma mãe é o melhor bem  
Que se póde ter no mundo.

Por muito frio que seja  
O peito d'uma mulher,  
Tem sempre o fogo bastante  
Para a nossa alma aquecer.



E, alludindo ao rutilante sol do nosso paiz, propicio a bardos, a amores e tristezas, diz em dois harpejos maguados e lindos:

Em parte alguma do mundo  
Talvez não haja, talvez,  
Mal tão forte e tão profundo  
Como o mal do portuguez.

E talvez que o proprio Christo  
Se um dia á terra voltasse,  
Ao vêr triste tudo isto,  
Choroço e triste ficasse.

Mas, de parceria com estes primores, ha composições no *Penumbras*, como a *Canção macabra*, *Deus* e a *Falla aos poetas*, que fazem vacillar o merecimento da obra.

Na *Falla aos poetas*, por exemplo, ha este fecho d'um negativismo desolador:

Poetas meus irmãos! é inutil a batalha:  
O mundo é um mar de lama — um grande mar impuro:  
Lança a vossa lyra á lama do monturo!

Isto não se atira a lume, porque é improprio, e muito, de um artista digno como Angelo Jorge.

Leia, para apreciar o contraste, a carta *Aos poetas*, que José Augusto de Castro, um condemnado pela tuberculose, inseriu no seu livro *Gritos*.

Aquillo não parece a exhortação d'um tysico que bem conhece o seu infeliz estado, mas sim um canto guerreiro de Tyrteu entoado á frente dos bellicosos exercitos spartanos!

No *Penumbras* ha as mesmas preocupações dos livros de quasi todos os novos: ternura, patriotismo dolente, infortunios amorosos, dôr, fel, tédio, misantropia, e nimia falta de intuição philosophica.

Ha em tudo isto, afinal, incomprehendidas emoções biologicas, postas ao serviço das letras na mais indecisa e çsteril germinação, e exageros sentimentaes inherentes ao goso da vida.

Houve quem escrevesse: nascer, lutar, soffrer, eis toda a vida. Entretanto, muita gente, sobretudo o poeta idealista, apenas pretende narrar da existencia os desgostos quotidianos, esquecendo-se intencionalmente dos prazeres que todos, em maior ou menor grau, disfructam.

A vida é boa ou má consoante o genio do individuo. Se é alegre, encara tudo sob um aspecto ridente; se é triste, imagina que tudo é mau e vil. A'parte, porém, as reconditas desventuras de milhares de almas arastando uma existencia miseravel e injusta. E é á sociedade, constituída na sua maioria por parasitas e ociosos, scepticos e birbantes, que cabe a responsabilidade de tamanha ignominia, e aos poetas o dever de a cauterisar e redimir.

De mais, está cabalmente demonstrado que a terra produz o bastante para todos viverem na abundancia; o que é necessario é que todos se capacitem dos seus deveres e das suas indeclinaveis obrigações. A vida, portanto, longe de ser um mal, é um bem; viver é o supremo ideal da humanidade consciente e criteriosa.

Mas voltemos a fallar directamente ao cantor do *Penumbras*... Muitos dos sonetos d'este seu livro peccam pela fórmula, vendo-se defeitos technicos que Angelo Jorge não devia ter menospresado. Citaremos ao acaso o soneto que a sua generosa amisade nos dedicou: é vigoroso na concepção arrebatada que o dictou, mas pobrissimo na fórmula que escolheu. Com outros succede o mesmo ou peor ainda.

O soneto é a mais difficil composição poetica que existe; as suas fórmulas tão precisas e restrictas, não admittem modificações. O velho Castilho incluiu no seu tratado de metrificação este juizo axiomático: o soneto portuguez nasceu com Bocage, e com Bocage morreu; e um nosso amigo, poeta de grande coração e futuro, disse-nos uma vez: eu não faço sonetos, por vêr n'essa fórmula de poesia uma grilheta ao pensamento!



O soneto só ser de factura difficilima, exige, na ideia, uma precisão mathematica de tal ordem que tortura e dilacera os mais inspirados artistas. Em Portugal, já depois do axioma de Castilho, tivemos sonetistas como Anthero de Quental, Junqueiro, Gomes Leal, João Pezões, Alves Crespo, e o Brasil tambem se póde orgulhar dos insignes Fagundes Varella, Luiz Guimarães, pae, Machado d'Assis e Olavo Bilac. Em resumo, o soneto não é para todos, como nem todos são para tudo. O soneto deve ser perfeito, impeccavel, rigido, marmoreo, como uma estatua; e elevado, conciso, philosophico, sublime, como um Deus.

N'este ponto, estamos plenamente d'accôrdo com o poeta e prosador Fernandes Costa :

Cumpra o poeta a lei, que o céu lhe deu :  
Seja Phidias, na fórma peregrina ;  
Porém, na essencia, seja Prometheu !

*Biographia de D. Francisco Gomes de Avelar* — por Francisco Xavier de Athayde Oliveira. — Em 409 paginas conscienciosamente trabalhadas, deu o dr. Athayde de Oliveira, venerando e incansavel homem de letras algarvio, a noticia completa da vida do glorioso bispo D. Francisco Gomes d'Avellar, um homem de character e um prelado espiritual e bom.

Posto que tenhamos outra maneira de interpretar as excélsas doutrinas do divino apostolo da Judéa, não deixamos, comtudo, de admirar o magnifico padrão que o sr. Athayde de Oliveira acaba de erguer á memoria de D. Francisco Gomes, um justo que tambem respeitamos e veneramos.

Encontram-se n'este livro do infatigavel escriptor de Loulé notas tão interessantes e exactas, tão exemplares e nobres do amavel plebeu D. Francisco, que pensamos que a figura do extinto arcebispo-bispo do Algarve passará no decorrer de muitos seculos sempre cercada pela mesma auréola de grandeza, bondade e energia.

O livro, além do profuso texto, é adornado de gravurrs curiosas, a destacar a primeira com o bello retrato do biographado.

Athayde d'Oliveira, porém, apesar de pela idade não pertencer á nova geração de rapazes de sangue na guelra e ideias progressivas, quiz acompanhá-los na fórma orthographica, escrevendo o seu ultimo livro em orthographia sónica, o que deu em resultado *estender-se* por vezes — como quem não está ainda seguro da innovação... E' este o unico lapso que nos mereceu reparo, que do mais apreciarão os nossos leitores o merecimento no excerpto publicado no presente *Almanach do Algarve*.

A falta d'espaco obriga-nos á ultima hora a retirar mais dois trechos interessantes que virão á luz no volume seguinte.

*Ambições* (romance de costumes) — por Anna de Castro Osorio. — N'um longo hausto, triumphal e sadio, a oxygenar o sangue envenenado pelos miasmas do infeccioso meio que nos opprime, acabamos de lêr a bella obra ultima da prosadora D. Anna Osorio.

E' o romance *Ambições*, novella simples, interessante e cheia de nobres lições moraes. Moldada nos trabalhos dos mestres realistas francezes e portuguezes, afasta-se comtudo do estendal obscuro que suffoca as producções dos melhores artistas no genero. Na fórma e na ideia, diluidas ambas gradualmente, sobriamente mesmo, ha talvez um conjuncto harmonico dos proveitosos elementos que a auctora estudou nos livros que leu; mas a influencia de accessorios que nos mestres é muita vez excessiva, afogando o rendilhado rhetorico e natural desenvolvimento do enredo, é aqui disseminada com arte, dispersada economicamente n'uma como que disposição geometrica de linhas.

Nada de complicações inuteis, superfluas, extensas, monotonas; surgem-nos as figuras d'este romance d'entre a moldura rica que as cerca, dizendo ao nosso ouvido prescrutador as palavras que, dia a dia, escuta-



mos ao formigueiro vivo da sociedade, d'esta sociedade intolerável sob  
muitos aspectos.

Permitamos que o restricto espaço do *Almanach do Algarve* não per-  
mita uma demorada apreciação ao novel livro da valorosa mulher que é  
D. Anna de Castro Osorio, um cerebro impregnado do sentimento moder-  
no que hoje acalenta as grandes almas que luctam por um futuro menos  
iniquo, menos tormentoso, por um futuro cuja base no concerto universal  
dos povos sirva de amparo a toda a humanidade e de antidoto a todo o  
egoismo.

No *Ambições*, saltitantes e dementados, passam tres monstros viciados  
pela má indole e educação, a Candida, o Vilhegas e o Visconde, e tres  
creaturas ideaes, perfeitamente equilibradas, Maria Helena, Bella e João  
de Mello, raro typo este de portuguez estoico, valente, generoso e altruista.

Outras imagens secundarias tambem se destacam, a citar o padre Ma-  
thias, jesuita devasso, cynico, digno representante da Companhia de Jesus,  
o Telles, poeta nephelibata, neurasthenico e incomprehendido, e a Pillar,  
casta esphinge intellectualmente adoravel, apunhalada na flôr virginal do  
seu ingenuo sonho d'amor.

Vamo-nos referir, ao correr, a algumas passagens que mais saliente-  
mente se vincaram no nosso espirito.

O desespero de João na entrevista com o dr. Ramalho, tentando des-  
cortinar todo o sombrio drama que arrebatou de subito a vida da Pillar;  
a palestra entre o medico Vilhegas e o pharmaceutico Telles, o nevrotico  
*inspirado do Verde-mar*; a visita de Bella a Maria Helena, quando aquella  
foi com João a Lisboa; a carta de Maria Helena á sua amiga dilecta,  
carta linda, tocante de verdade, repleta de emoção e grandeza, dictada por  
um nobilissimo coração feminino na hora do supremo desengano; e, fi-  
nalmente, a discussão entre Bella e seu pae, trecho empolgante, domina-  
dor, proprio da penna egregia de Hugo ou de Camillo.

O fecho do romance é d'uma simplicidade natural, logicamente condu-  
zido, bonançoso, não sem a emocionante descripção da estada do pae de  
Bella no Brasil e da morte angustiosa do visconde na gloria de um sol pu-  
rificador e bom...

O estylo fluente e banhado de luz da escriptura casa-se bizarramente  
com as firmes personificações extrahidas da vida actual, o que motiva re-  
presentar este livro por si um valioso e benefico triumpho sobre a fancaria  
litteraria dos Gallis, dos Danças e dos Malheiros, infructiferos cangalheiros  
d'uma litteratura fundamentalmente vasia e falha de intuitos aperfeiçoa-  
dores.

**Os Grandes Males: I O TABACO** — por Thomaz da Fonseca. — Quem é  
Thomaz da Fonseca? Um poeta e um revoltado. E' uma d'essas raras e  
ignoradas almas que de tempos a tempos se erguem perante o povo a en-  
sinar-lhe o caminho do Bem.

Thomaz da Fonseca deixou ha pouco o seminario de Coimbra, onde  
estudava theologia para vir livremente alistar-se na ala revolucionaria  
dos melhores talentos que sabem interpretar a verdadeira missão do ho-  
mem sobre a terra. Tem trabalhado muito e soffrido ainda mais, mas o  
seu temperamento, vibrantissimo e generoso, sente-se avigorado com todos  
esses embates traiçoeiros que fazem sossobrar as intelligencias pusilanimas.

Ha collaborado em jornaes e revistas portuguezas e hespanholas e pu-  
blicou dois livros, *Dôr e Vida* e *O Tabaco*, sendo de recente data o appare-  
cimento do ultimo. Tambem colligiu e deu á estampa os *Versos d'um Ca-  
vador*, do genial poeta popular da Bairrada. Todas as producções de Tho-  
maz da Fonseca são d'uma utilidade grandiosa e inspiradas sempre nas  
injustiças e erros da nossa sociedade nesciamente organizada.

O seu livro *O Tabaco* é o primeiro da collecção que elle genericamente  
designou com o nome de *Os grandes males*. Devem seguir-se-lhe *A igno-*



*rancia, A guerra, O posto, O alcool, Luxo e prostituição, etc., obras que collocarão o nome do seu auctor acima da enervante vulgaridade intellectual*

Todo o bom chefe de familia deve possuir esta série de trabalhos de Thomaz da Fonseca, porque ella constitue o melhor patrimonio educativo para se poder legar á geração futura, eivada naturalmente dos baixos defeitos dos seus progenitores.

*Cantares d'um noctivago* — por Ariosto Silva. — Em uma *planquette* mimosa e esguia, deu-nos Ariosto Silva, um joven trovador do Porto, um *bouquet* de quadras soltas. Duas para amostra :

Não te rias, feiticeira,  
Do meu cantar maguado,  
Que é filho do desamor  
A que eu ando acorrentado...

Porque me fazes soffrer  
O' virgem d'olhar tão triste ?  
Tu bem sabes que quem te ama  
De te amar nunca desiste!...

Galantes, pois não ?

A edição foi apenas de 50 exemplares em papel de linho e que não foram postos á venda.

*Gonçalves Dias* — numero unico dedicado á memoria do malogrado escriptor, publicado no Porto em junho de 1903. — Directores: Antonio Carvalho e Angelo Jorge. O finado Gonçalves Dias, que a devastadora tuberculose sugou aos vinte annos de idade, era um rapaz intelligentissimo e bondoso, deixando no coração dos amigos e collegas uma funda saudade de estima.

Dois amigos sinceros e companheiros do pobre moço, Antonio Carvalho e Angelo Jorge, consagraram-lhe um numero commemorativo, sentidamente collaborado por muitos dos que haviam mantido relações de amizade com o desventurado intellectual. O album em questão é um mimo artistico, honrando os seus iniciadores. A homenagem, em prosa e verso, é firmada por Joaquim Leitão, Henrique de Mendonça, Rodrigo Velloso, Castro Alves, Julio de Lemos, Maria Velleda, Paulo Osorio, Amadeu Cunha, Eusebio de Queiroz, Antonio Carvalho, Marcos Algarve, Augusto Corrêa, etc.



Gonçalves Dias

Não póde sahir um artigo sobre Gonçalves Dias *A tuberculose sobre os intellectuaes*. Fica para o anno.

*Garrett no Pantheon* — por Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira. — São duas palavras vibrantes, patrioticas e altivas as que os dois esposos publicaram no dia 3 de maio de 1903, data em que se trasladaram para os Jeronymos as cinzas do divino artista.

*Emfim!* é a epigraphe do artigo singelo e alevantado que enche as primeiras paginas do *Garrett no Pantheon*. N'elle frisam os dois distinctos litteratos, n'uma linguagem soberba, o snobismo meio-official que devia acompanhar ao pantheon nacional os restos de Garrett e, em poucas linhas, tocam na incipencia da homenagem e dão o seu a seu dono...



Mas não o leva lá o paiz inteiro, agradecido, n'uma entusiastica impulsão collectiva da alma patria! Levamol-o nós, meia duzia de fanaticos que o glorifical-o e tornal-o amado das gerações d'hoje nos temos empenhados.

Esta, singelamente, a verdade dos factos.

*Côr de Rosa e Emancipação Feminina* — por Maria Velleda. — Caiei, Anna Osorio e Maria Velleda são as tres senhoras modernas que amorosamente deram impulso á nossa litteratura infantil.

De ha muito que Maria Velleda nos era conhecida como poetisa e contista, pois que a seu lado, n'um velho semanario democratico d'esta provincia, fizemos a nossa pallida estreia em publico. Ainda nos lembra d'um artigo primoroso que D. Maria Velleda alli inseriu — *A defeza da mulher*.

*Côr de rosa* são pequenas phantasias de moral para crianças, e a *Emancipação feminina* uma duzia de paginas ardentes, tracejadas com o nervosismo artistico d'um espirito de mulher, d'um coração de crente.

*Para as crianças* — por Anna de Castro Osorio. — Acaba de se publicar a 10.<sup>a</sup> série — *Os Animaes* — da brilhante collecção de contos educadores, illustrados, que a sr.<sup>a</sup> D. Anna Osorio vem de ha annos dando a lume.

Após *As boas crianças* (9.<sup>a</sup> série), seguiu-se a presente, trabalhando já a consagrada pensadora na 11.<sup>a</sup> série, que é composta dos *Contos populares da Allemanha*, dos irmãos Grimm.

Os contos, uma das fórmulas litterarias mais queridas na Allemanha e uma das que mais lata expressão deram ao genio teutonico, tendo como bons cultores as pennas preciosas de Chamisso, Grimm, Hoffmann e de muitos outros, começou no meado do seculo passado a vulgarisar-se extraordinariamente por toda a Europa. Foram Portugal e Brasil dois paizes dos que mais estudaram aquella *maneira* leve e simples de popularisar as lendas e dramas particulares ao character de cada povo.

D. Anna Osorio, senhora de vasta instrucção, maneja distinctamente a penna, tem o condão de se fazer comprehender pelas intelligencias embryonarias das suas infantis leitoras.

Os seus contos, abrangendo todos os assumptos, tocando com delicadeza nas variadas mutações da vida, ora didacticos e moralisadores, ora sociaes e analyticos, revestem-se a miudo da criadora reflexão de Diderot para, aproveitando o desdobramento da acção, imprimir aos lances a supremacia da verdade sobre a mentira; reduzem nas suas theses, por assim dizer, os desmandos da multidão pervertida ao epilogo das consequentes desgraças.

*Para as crianças* é uma obra apreciavel, meiga, virtuosa, executada pelo carinho fraternal d'uma mulher digna, que de ha muito combate denodadamente contra a corrente invasora da mental decadencia portugueza, porventura mais inconsciente que maldosa.

Recommendo, pois, a sua leitura a todos que presam a virtude, o brio, a honradez e a sã educação, não é um favor, mas simplesmente um dever.

*Revistas.* — Recebemos alguns n.<sup>os</sup> da *Geração Nova*, *Echos da Rua*, *Alma Nova*, *O Raio*, etc. Agradecidos pela amabilidade.

*O Herald.* — Continuamos a receber este excellente hebdomadario de Tavira, que é innegavelmente um dos jornaes provincianos mais bem feitos e mais baratos. Collaboram frequentemente no *Herald* algarvio Bernardo de Passos, Rodrigues Davim, José Castanho, Teixeira Gomes, Ludovico de Menezes, João Lucio, Manoel Telles, Salazar Moscoso, Maria Velleda, Jacintho Parreira, Thomaz da Fonseca, Marcos Algarve, Alberto Costa, Ribeiro de Carvalho, José Brak Lamy, etc., etc.

O proprietario é o sr. José Maria dos Santos, e o director litterario Antonio Santos (Chryso).

